



2012 nº 9

# USO

d+i LLORENTE & CUENCA



**AMÉRICA LATINA**  
*no centro do mundo*

## **d+i LLORENTE & CUENCA**

d+i é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos perante um novo contexto económico e social. E a comunicação não fica atrás: avança.

d+i é a combinação e a troca de conhecimento que identifica, analisa e dá conta dos novos paradigmas da comunicação com um posicionamento independente.

d+i é uma corrente permanente de ideias que vão ao encontro de uma nova era de informação e gestão empresarial.

Porque a realidade não é em preto e branco, existe d+i LLORENTE & CUENCA.

## **UNO**

UNO é uma publicação da d+i LLORENTE & CUENCA dirigida aos clientes, profissionais do setor, jornalistas e líderes de opinião, na qual os autores convidados de Espanha, Portugal e América Latina, juntamente com os Sócios e Diretores da LLORENTE & CUENCA, analisam temas relacionados com o mundo da comunicação.



---

### **DIREÇÃO E COORDENAÇÃO:**

Centro Corporativo da LLORENTE & CUENCA

### **CONCEITO GRÁFICO E DESIGN:**

AR Difusión

### **ILUSTRAÇÕES:**

Marisa Maestre

### **IMPRESSÃO:**

Imprime Perú S.A.C.

Impressa en Peru  
Lima, julho de 2012

---

d+i LLORENTE & CUENCA não assume necessariamente compromisso com as opiniões expressas nos artigos dos colaboradores habituais e convidados da UNO.

[WWW.DMASILLORENTEYCUENCA.COM](http://WWW.DMASILLORENTEYCUENCA.COM)



Disponível para iPad  
**App Store**



Todos os direitos reservados.  
É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial dos textos e imagens contidos neste livro sem a autorização expressa da d+i LLORENTE & CUENCA.

# SUMÁRIO

2012 N° 9

4

QUEM **SÃO**  
OS **colaboradores**

6

**AMÉRICA LATINA**  
**no centro do mundo**

9

**CÁDIZ 2012, A CÚPULA**  
DOS **“dois hemisférios”**

13

A **AMÉRICA LATINA** NO  
**momento** ATUAL DA  
**grande crise**

15

**QUATRO MOTIVOS**  
PARA **investir** NA  
**América Latina**

19

UM **RIO** MELHOR PARA **VIVER,**  
**trabalhar** E **visitar**

23

**UE-MERCOSUL:**  
A PROFUNDIDADE **estratégica**  
DE UM **Acordo**

25

**EQUADOR:** UM **EXEMPLO**  
DA NOVA **tendência**  
**turística** LATINO-AMERICANA

29

**1982-2012:** A AMÉRICA LATINA  
**30 anos depois**

31

**AMÉRICA LATINA,**  
UM EXEMPLO PARA A **Europa**

35

AS **INFRAESTRUTURAS,**  
O **grande desafio** REGIONAL

37

**ARGENTINA** EM **2012,** UM  
PAÍS FORTALECIDO PELA SUA **inserção**  
**internacional**

41

QUANDO A **GEOGRAFIA**  
NÃO É **tudo**

45

PARTE DA **SOLUÇÃO** PARA OS  
**desafios mundiais**

47

CONHECER A **AMÉRICA LATINA**  
É ESTAR UM **passo** A **frente**

51

**AMÉRICA LATINA,**  
A NOVA **centralidade**

54

**LLORENTE & CUENCA**



### **José Antonio Zarzalejos**

Formado em Direito pela Universidade de Deusto e jornalista. Foi Diretor de *El Correo* de Bilbao, Secretário Geral do Vocentro e Diretor da ABC na Espanha. Trabalha na LLORENTE & CUENCA como Assessor externo permanente e foi Diretor Geral da empresa na Espanha. Recebeu vários prêmios profissionais, tais como o Prêmio Mariano de Cavia, o da Federação das Associações da Imprensa da Espanha, o Prêmio Javier Godó de Jornalismo e o Luca de Tena.



### **Enrique V. Iglesias**

Começa sua gestão como Secretário Geral Ibero-americano em outubro de 2005 depois de ter sido durante dezessete anos Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Anteriormente, foi, entre outros cargos, ministro de Relações Exteriores do Uruguai, secretário executivo da CEPAL e presidente do Banco Central do Uruguai. Doutor honoris causa por mais de doze universidades de todo o mundo, recebeu numerosas distinções e reconhecimentos internacionais, entre eles o Prêmio Príncipe de Astúrias e a Grande Cruz de Isabel a Católica, bem como as mais altas condecorações dos países latino-americanos.



### **Alejandro Romero**

Sócio e CEO para a América Latina da LLORENTE & CUENCA. Desde 1997, coordena o processo de expansão da companhia na América Latina, dirigindo nossos 8 escritórios na região. Além disso, Alejandro foi responsável pelos processos de comunicação de três das dez operações mais importantes de M&A na Região: a venda das operações da BellSouth ao grupo Telefónica, a aquisição pelo SABMiller do Grupo Empresarial Bavaria e a venda do grupo financeiro Uno ao Citibank. Como responsável pela operação no México, posicionou a empresa, em somente cinco anos, entre as três mais importantes do país, segundo o ranking anual da revista *Merca 2.0*.



### **Maria Silvia Bastos**

É presidente da Empresa Olímpica Municipal do Rio de Janeiro. Foi diretora do BNDES, secretária de Fazenda da cidade do Rio de Janeiro, presidente da CSN e do Grupo Icatu Seguros. É formada em Administração Pública e mestre e doutora em Economia pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV/RJ). Foi professora do departamento de economia da PUC-Rio e pesquisadora do Instituto Brasileiro de Economia da FGV/RJ. Integrou os conselhos de Administração da Petrobras, Companhia Vale do Rio Doce, Anglo American PLC, Embratel, Souza Cruz, Pão de Açúcar, Arcelor, Light e Globex.



### **Rafael Estrella**

Ex-embaixador da Espanha na República Argentina (2007-2012); Vice-presidente do Real Instituto Elcano e presidente da Rede Ibero-americana de Estudos Internacionais. Especialista em relações internacionais, presidiu a Comissão de Assuntos Exteriores do Senado e foi Porta-voz do Grupo Socialista na Comissão de Assuntos Exteriores do Congresso dos Deputados. Entre 2000 e 2002 foi presidente da Assembleia Parlamentar da OTAN. Autor de inúmeros artigos em revistas e obras coletivas sobre assuntos como o Oriente Médio, o Mediterrâneo, a Europa, a Segurança Europeia e relações transatlânticas, a relação UE-Mercosul, ou a diplomacia pública.



### **Roque Sevilla**

Presidente do Grupo Futuro e do Metropolitan Touring no Equador. É um dos fundadores da Fundação Natura. Foi Vice-presidente e Diretor da Fundação Charles Darwin e membro da diretoria do Fundo Mundial da Natureza dos Estados Unidos (WWF-US). Exerceu vários cargos no serviço público, entre eles, Prefeito de Quito, Vereador do Distrito Metropolitano e Diretor Nacional Florestal. Por seus trabalhos prestados para a proteção do meio ambiente, foi condecorado com a Ordem da Arca Dourada pelo Príncipe Bernardo de Holanda, recebeu a condecoração "Global 500" das Nações Unidas e a Ordem de Isabel a Católica pelo Rei da Espanha.



### **Gonzalo Garland**

Vice-presidente de Desenvolvimento do IE Business School em Madrid (Espanha), bem como membro do Comitê Executivo. Anteriormente, desempenhou a função de Diretor de Relações Internacionais; Diretor do Conselho de Professores e Diretor da Área de Entorno Económico. Estudou Economia na Universidad del Pacífico, em Lima (Peru), e nas Universidades de Stanford e Pensilvânia, nos Estados Unidos. Atualmente, concilia suas funções de direção com a realização de cursos de Economia e Análise de Países.



### **Maricarmen Cortés**

Uma das colunistas de negócios mais reconhecidas no México. Escreve a coluna "Desde el Piso de Remates" (Na sala de Negociações), no jornal *El Universal*, é apresentadora do programa de rádio "Fórmula Financiera" (Fórmula Financeira), e do "Alebrijes, Águila o Sol" (Alebrijes, Águias ou Sol), o programa de televisão sobre negócios mais importante a nível nacional. Também colabora nas revistas *Mundo Ejecutivo* e *Mujer Ejecutiva*. Formada em Letras e Línguas Modernas e Letras-Inglês pela UNAM e em jornalismo pela Escuela Carlos Septién García. Possui diversos diplomas na área financeira e de negócios.

# QUEM SÃO OS colaboradores

---

## **Fernando Gualdoni**



Como Chefe da seção Internacional do Jornal *El País*, sua área de especialização é a América Latina. Vivenciou, na linha de frente, os mais recentes processos políticos e sociais na região, com ênfase especial nos países andinos, Brasil e Argentina. Anteriormente, trabalhou na reconhecida e clássica publicação *Latin American Newsletters* de Londres, e durante seus primeiros anos em *El País* realizou uma exaustiva cobertura de assuntos sobre economia internacional, participando das cúpulas chave da Organização Mundial do Comércio (OMC), a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e os organismos internacionais de crédito.

---

## **Jorge Castro**



Advogado e jornalista argentino. Analista de política internacional nos jornais *Clarín*, *Perfil* e *La Nación*; ex-Diretor Adjunto do jornal *El Cronista*; ex-Secretário de Planejamento Estratégico da Presidência da Nação (1998-1999); Professor Universitário e painelista convidado por diversas universidades da América Latina, de Roma (OTAN) e outras instituições; condecorado pela República Federativa do Brasil e do Chile. É membro do Conselho Argentino para as Relações Internacionais (CARI), do Conselho Editor de Arquivos Atuais e da Fundação Segundo Centenário e Presidente do Instituto de Planejamento Estratégico.

---

## **Carlos Malamud**



Professor Titular de História da América na Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED) e Pesquisador Principal para a América Latina do Real Instituto Elcano. Foi pesquisador convidado no Saint Antony's College (Universidade de Oxford), na Universidad de los Andes e na Universidad Di Tella, de Buenos Aires. Membro do Conselho Assessor do Instituto de Cultura da Fundação MAPFRE. Escreveu numerosos livros e artigos de história e atualidade latino-americanas, como por exemplo: *Populismos latinoamericanos. Los tópicos de ayer, de hoy y de siempre* (Populismos latino-americano. Os tópicos de ontem, de hoje e sempre, em tradução livre) Ed. Nobel, Oviedo, 2010; *Historia de América*, Alianza, Madrid, 2010.

---

## **Antônio Ricardo Espírito Santo Bustorff**



Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Brasileira. É também Presidente da BMF – Sociedade de Gestão de Patrimônios, S.A. e Diretor Geral da BMF – Serviços Financeiros, Ltda. Trabalhou no Banco Santander de Negócios, J.P.Morgan, Banco Inter-Atlântico, Banco Bozano Simonsen de Investimento. Foi ainda Presidente da Comissão Consultiva das Sociedades Gestoras de Patrimônios. É formado em Gestão de Empresas pelo Instituto Superior Mackenzie de São Paulo e em Gestão Bancária no J.P.Morgan (USA).

---

## **Consuelo Álvarez de Toledo**



É editora e diretora da *Infolatam*, a principal plataforma online de informação, opinião e análise sobre a América Latina em espanhol e português. Colabora como analista de política nacional no RNE e no programa 24 Horas da RTVE. Foi redatora da *Actualidad Económica* e da *Cambio 16* e, em 1977, entrou na Agência EFE como correspondente política nas Cortes Constituintes. Publicou dois livros: *Vida de mi vida, confidencias de jóvenes abuelos* (Vida da minha vida, confidências de jovens avós, em tradução livre.) (2003) e *4 días de marzo* (4 dias de março, em tradução livre). *De las mochilas de la muerte al vuelco electoral* (Das mochilas da morte à virada eleitoral, em tradução livre) (2004), ambos da editoria Planeta.

---

## **José Antonio Llorente**



Sócio-fundador e Presidente da LLORENTE & CUENCA. Como especialista em comunicação corporativa e financeira, ao longo de seus mais de 25 anos de experiência, prestou assessoria a numerosas operações corporativas –fusões, aquisições, desinvestimentos, *joint ventures* ou ofertas públicas. Durante dez anos, trabalhou na empresa multinacional Burson-Marsteller, onde foi Conselheiro Delegado. Atualmente, é membro do Patronato da Fundação Euroamérica e faz parte do Conselho Diretivo da Associação Espanhola de Acionistas Minoritários de Empresas Cotadas.

# **AMÉRICA LATINA**

*no centro do mundo*





José Antonio Llorente

Sócio-Fundador e Presidente da LLORENTE & CUENCA

Ao chegar ao nono número da UNO, e mantendo a preocupação em fazer da UNO um lugar de encontro e debate aberto e livre a respeito de assuntos de interesse presentes na agenda dos tomadores de decisões empresariais e políticos em ambos os lados do Atlântico, optamos por transformar a UNO#9 em um número extraordinário sobre a América Latina, no qual a Região é vista como o novo eixo ao redor do qual giram as grandes oportunidades de negócio e comércio do mundo, devido à sua equidistância com uma Europa prisioneira do círculo vicioso da “Grande Recessão” e uma Ásia em plena efervescência econômica –especialmente a China, a Índia e a Coréia.

Sem dívidas, esta posição privilegiada que a América Latina desfruta é não somente uma grande oportunidade para os países da Região e seus habitantes, como também para todas aquelas empresas cujas matrizes se encontram em outras localidades, já que o atual ciclo combinado e virtuoso de crescimento econômico e estabilidade política, como praticamente não tinha sido visto nessa zona do planeta desde a independência de suas nações, é uma oportunidade da qual ninguém deveria privar-se.

**“ América Latina tem em suas mãos a possibilidade de transformar-se no ator principal, como potência politicamente estável e economicamente sustentável, de uma ordem econômica mundial**

A prova disso está no fato de que a América Latina está, no geral, e salvo algumas exceções, tirando proveito efetiva e inteligentemente dessa ocasião histórica para atrair investidores estrangeiros, para fortalecer as relações de muitos de seus países com o grande vizinho do norte, para reduzir suas desigualdades sociais e a pobreza para liberalizar, repito, salvo algumas exceções, suas estruturas econômicas e distanciar-se, definitivamente, do binômio suicida dos guerrilheiros e dos golpismos, por um lado, e do intervencionismo econômico, por outro.

Dessa forma, a América Latina tem em suas mãos a possibilidade de transformar-se no ator principal, como potência politicamente estável e economicamente sustentável, de uma ordem econômica mundial.

Ao mesmo tempo, a América Latina se transformou em um novo ambiente repleto de desafios e possibilidades, sempre e quando sejam abordados com a suficiente humildade para dedicar tempo, inteligência e recursos para conhecer melhor e em profundidade as complexidades e diferenças das suas culturas, suas economias, seus regimes políticos, suas classes dirigentes, suas populações autóctones e indígenas, as aspirações e expectativas de seus povos e, finalmente, dos seus sonhos para poder integrar-se e ser aceito com naturalidade. Como dizemos em LLORENTE & CUENCA:

**“Eu ❤️ a América Latina”.**



AMÉRICA  
LATINA

ESPAÑA



# CÁDIZ 2012, A CÚPULA DOS “dois hemisférios”



José Antonio Zarzalejos

Jornalista, ex-diretor da ABC e El Correo

Na Espanha, celebramos de uma forma um tanto incompleta o bicentenário da Constituição de Cádiz. Porque, pela primeira e única vez na história do constitucionalismo, aquele texto aprovado em 1812 foi “para todos os territórios da Monarquia espanhola”, ou seja, para os peninsulares, os americanos e as Ilhas Filipinas. Em um ensaio brilhante e trepidante (“Os deputados americanos”) incluído na magna obra dirigida pelo professor e acadêmico da História, José Antonio Escudero, com o título genérico de Cortes y Constitución de Cádiz. 200 años (Cortes e Constituição de Cádiz. 200 anos, em tradução livre) o reitor da Universidade nacional a Distância, Javier Alvarado Planas, conta aos leitores a decisiva participação dos sessenta deputados das terras americanas que participaram dos debates constituintes. Eram originários dos territórios da Nova Espanha, na capitania geral da Guatemala, do Peru, de Cuba, de Porto Rico e da Banda Oriental do Uruguai, da Venezuela e da Nova Granada, o que hoje corresponde a Colômbia e Equador, e da audiência de Charcas –Bolívia– tudo segundo relatou com exatidão no extraordinário artigo publicado no jornal *El País*, publicado no dia 21 de abril, o professor Manuel Chust.

“ *A presença de deputados americanos em Cádiz em 1812 exigiu o que o historiador Chust chama de “uma ilusão histórica” que abriu, com a Constituição já aprovada, “um caminho revolucionário diferente e paralelo ao independentista”*

Chegavam sem dificuldades à cidade assediada em uma Espanha ocupada alguns deputados sem mandato: todos eles traziam instruções dos seus conselhos e assembleias e propuseram abertamente as enormes contradições de um Estado em desenvolvimento disseminado ao longo do mundo em dois hemisférios. Seus nomes e sobrenomes eram expressivos, como vemos: José Mejía Lequerica, Ramón Power, Dionisio Inca Yupanqui, José

Miguel Ramos de Arizpe, Miguel Guridi y Alcocer, Antonio Morales Duárez e Antonio Larrazabal, entre outros. Identidades que sugerem a mistificação de origens familiares e procedências territoriais que entroncavam as Américas –que eram também as Espanhas– com o reino peninsular. Sua presença em Cádiz exigiu o que o historiador Chust chama de “uma ilusão histórica” que abriu, com a Constituição já aprovada, “um caminho revolucionário diferente e paralelo ao independentista”. A partir daquele texto, os territórios americanos fizeram parte do novo Estado nação o que deu origem a um vivíssimo debate sobre a descentralização e federalização estatal que, com o passar do tempo, terminou na realidade atual: os processos de independência que fizeram emergir as grandes nações americanas de fala espanhola.

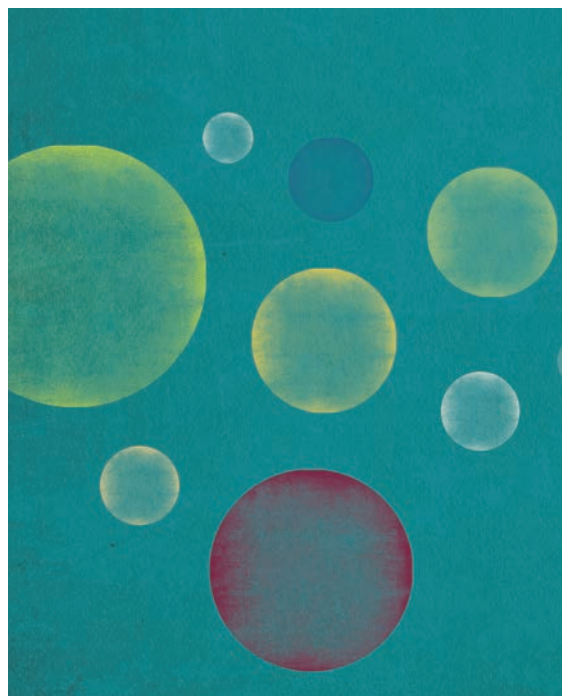
“ *A XXII Cúpula Ibero-americana não seria uma celebração ritual e convencional, mas sim uma forma de refundação da relação entre a Espanha e a América Latina* ”

Sem a presença ativa dos deputados do hemisfério ocidental, a Constituição teria sido diferente do que foi e não teria constituído esse santo e sinal de liberalismo que na comunidade hispânica marca um sinal indelével que separa o velho do novo regime ao que, um Fernando VII tão desejado como em seguida detestado, quis dividir com o regresso ao absolutismo.

A mais autêntica –por ser integral– comemoração do bicentenário da Constituição de Cádiz deve consistir na celebração de sucesso da XXII Cúpula Ibero-americana, prevista para os dias 16 e 17 de novembro na cidade andaluza. Não seria, de nenhuma maneira, uma celebração ritual e convencional, mas sim uma forma de refundação da relação entre a Espanha e a América Latina, logo depois de que nosso país esteja em um processo de decantação de sua enorme crise econômica, social e política e quando os Estados de língua hispânica, além do Brasil e de Portugal, alcançaram um merecido e renovado estatuto internacional no qual não cabe nem a hegemonia da pátria mãe, nem o paternalismo suficiente de seu caráter europeu, nem sequer a suficiência de seus níveis de desenvolvimento econômico, cuja sustentabilidade depende, em grande parte, não somente do espaço da zona do euro, mas também da frutífera relação entre esses “dois hemisférios” aos que se referia a Constituição de Cádiz.

A maturidade plena dos grandes países do cone sul americano e algumas circunstâncias históricas geoestratégicas favoráveis –a demanda comercial da China e a visão escassamente atlantista de Barack Obama– posicionou os países latino-americanos

como centrais entre a Ásia e a Europa e como emergentes em todo o planeta. A alternativa espanhola para seu próprio desenvolvimento e para a internacionalização de suas empresas já é, e continuará sendo, o espaço da América do Sul ao que a aproximação deve ser radicalmente diferente. Diferente nos modos, mas principalmente no esquema de relação, que deve ser equilibrado e recíproco. A demanda de segurança jurídica para compor contextos de mercado plenamente fiáveis deve ser simultânea a uma intensa interlocução. É o que exige um presente de energia financeira espanhola na Região de extraordinário volume (mais de 600 bilhões de euros estão comprometidos no local e está em gestão o sistema financeiro espanhol, além de quase um quarto das vendas das empresas espanholas do Ibex 35 provenientes da América Latina) que tende a crescer na construção e gestão de infraestruturas, na geração e transporte energético, nas redes de telefonia e na extensão da bancarização. Se a essa aposta socioeconômica é somada a possibili-



lidade de enorme e conjunto desenvolvimento das indústrias culturais –graças ao idioma comum– se chegará à conclusão de que as relações bilaterais entre a Espanha e as nações latino-americanas desfrutam de um horizonte extraordinário.

As Cúpulas Ibero-americanas –a próxima será a XXII edição– foram decaindo. Talvez a do ano passado, em Assunção, deu o sinal de alerta. Notou-se um desprendimento, uma certa falta de comunicação, uma indisfarçável incapacidade para superar diferenças na ordem política e ideológica, e uma abdicação na perseguição construtiva de um destino histórico que deveria vincular-nos de forma irreversível a esses “dois hemisférios” que a Constituição de Cádiz de 1812 quis acolher. Episódios de dissenso entre a Espanha e alguns países latino-americanos sucedidos nestes últimos meses ameaçam a dimensão da Cúpula de novembro. Há tempo para compor esses contenciosos e chegar a Cádiz com os objetivos claros. A Espanha precisa disso, mas os países da América Latina também, porque é produzida uma clara complementaridade de interesses. A posição central americana –e, conseqüentemente, a localização mais periférica da Europa e, claro, é da Espanha– altera os interesses recíprocos além de acrescentá-los e sofisticá-los.

**“ *A alternativa espanhola para seu próprio desenvolvimento e a internacionalização de suas empresas já é, e continuará sendo, o espaço da América do Sul ao que a aproximação deve ser radicalmente diferente* ”**



É importante estar consciente da consolidação de blocos culturais e econômicos em função de afinidades históricas. A francofonia (integrada por 49 Estados) cultivada por Paris e a reformulação britânica do ex-colonialismo em um sistema de relações multilaterais privilegiadas e prioritárias (54 Estados), são experiências que ensinam a perícia na montagem de uma arquitetura de parceria transversal na qual todas as partes ganham. A emigração latino-americana na Espanha e a migração das empresas espanholas para aqueles mercados estabelecem um fluxo ainda desigual, mas promissor, suscetível de resultados muito benéficos. A crise econômica na Espanha desacelerou a recepção de emigrantes e diminuiu muito o valor de suas remessas de dinheiro e, por outro lado, as companhias espanholas no cone sul americano registram, inevitavelmente, a sísmica das convulsões na zona do euro, muito violentas na Espanha. Mas esta mutualidade de prestações e interesses está ali e, com altos e baixos inevitáveis, consolidou-se. É preciso extrair toda a sua potencialidade. Esse deveria ser, com uma refundação do modelo de relação entre a Espanha e a comunidade de países ibero-americanos, o objetivo prioritário da XXII Cúpula Ibero-americana do próximo mês de novembro, especialmente este ano na histórica cidade de Cádiz.



# A AMÉRICA LATINA NO *momento atual* DA *grande crise*



Enrique V. Iglesias

Secretário Geral Ibero-americano

Quando me pedem, como neste número da revista UNO, que escreva sobre a América Latina o primeiro que penso é que, por melhor que a Região esteja agora, ela não pode viver isolada de um mundo submerso em uma crise como não víamos desde a Grande Depressão.

Estamos diante de uma mudança de época, não diante de uma época de mudança. O mundo que superou as graves convulsões dos anos trinta foi construído sobre três grandes pilares: os organismos de Bretton Woods (o Banco Mundial e o Fundo Monetário), as Nações Unidas e, finalmente, o Tribunal de Justiça de La Haya.

Agora, aquele grande mundo está em uma crise muito profunda. Sabemos como começou, mas ignoramos como vai terminar.

O capitalismo continua vigorando. Não há país mais capitalista que a China neste momento. A Rússia e a Índia vão pelo mesmo caminho. Embora tenha que mudar, não foi inventado outro sistema melhor (ou menos pior) que o capitalismo: a sociedade acumulou mais riqueza nos últimos cinquenta anos que em todos os séculos anteriores. É importante reconhecer isso.

A globalização também transformou o mundo, alentada por uma mudança extraordinária da tecnologia, dos transportes, das comunicações, da

“ *Estamos diante de uma mudança de época, não diante de uma época de mudança*

economia, dos investimentos, das finanças e das empresas.

Na América Latina, em 2000, tínhamos quase 48% de nossa população vivendo na pobreza. Agora o número é menor, é de 30%. Ou seja, estamos gerando uma sociedade de classes médias, embora tenhamos problemas pendentes, que em breve mencionarei.

Outra novidade é que, enquanto o desenvolvimento se limitava antes ao Norte (principalmente aos Estados Unidos, à Europa e ao Japão), hoje vemos uma irrupção formidável de economias emergentes (ou emergidas), começando pela China e depois por países como o Brasil, a Rússia, a Índia ou a África do Sul. Dois terços do crescimento econômico do mundo são oriundos dessas economias emergentes.

Falei somente das luzes. As sombras mais preocupantes são o aumento doloroso da desigualdade, da violência ou do crime organizado, que tem muito a ver na América Latina com o infortúnio do narcotráfico.

Outros dois graves problemas são o desemprego –algo que pode destruir toda uma geração de jovens– e a sobredimensão do sistema financeiro internacional. Os bancos hoje movimentam recursos para financiar quarenta e cinco vezes a produção mundial. Tal sobredimensionamento fez com que a engrenagem financeira alimente a si mesma

**“ Nós, os ibero-americanos, valemos mais e somos mais fortes na medida em que continuemos fortalecendo uma relação que vem de longe e tem pela frente um grande futuro**

e não esteja financiando a produção real. E isso é o que gerou a crise atual.

Uma última consideração: o mundo capitalista não tem o monopólio da corrupção mas, em grande parte, alimenta-a. O capitalismo, lembremos, nasceu com um grande compromisso moral. O autor de *A riqueza das nações*, Adam Smith, antes de ser professor de Economia, dava aulas de Ética e Moral.

Estamos diante de uma crise muito complicada, porque é assimétrica. A Europa está padecendo. Os Estados Unidos também, embora nem tanto. Mas não atinge em nada à Alemanha ou à Austrália, e o Japão inclusive está voltando a crescer. Os países da América Latina, em geral, não estão sofrendo com isso. Ou seja, há uma assimetria que não ocorreu durante a crise de trinta.

Também temos um novo sistema de relações internacionais. Vivemos, em última análise, a maior transferência de poder econômico (do Ocidente ao Oriente) na história da Humanidade.

## **O QUE DIZER SOBRE O CASO CONCRETO DA AMÉRICA LATINA?**

Primeiro que, em termos gerais, não caímos na crise. Isso porque aprendemos a lidar muito bem com a nossa macroeconomia depois de tantos erros. Tal fato se deve ao impacto positivo que teve, e continua tendo, nossa relação comercial com a China. Também porque apreciamos o valor da estabilidade, da abertura ao exterior e do equilíbrio sadio entre o mercado e o Estado. Sobre esse últi-

mo debate, que nos dividiu durante muito tempo, aprendemos a ser mais pragmáticos.

Nos últimos anos, acumulamos reservas como nunca. A dívida pública da América Latina hoje é inferior a 50% do PIB. E há países que não têm dívida, que são credores, como o Brasil. Há pouco tempo esses dados eram inimagináveis.

A última pergunta, que sempre escuto em diferentes foros da Região, é se essa década pode ser a da América Latina. E a minha resposta é, com toda prudência, que talvez sim, possa ser. Mas vejamos abaixo em quais condições. Se o mundo não enlouquecer. Porque se a China desmorona e a Europa não cresce, fica complicado. Se continuamos fazendo uma boa gestão macroeconômica. Se investimos adequadamente nos âmbitos da educação e da inovação. Se melhoramos nossa produtividade e nossa competitividade. E se, finalmente, continuamos transformando o Estado para que garanta a política social enquanto o setor privado faz seu trabalho com eficiência.

Finalizo apostando no futuro da Comunidade Ibero-americana. O grande capital que une a Península Ibérica à América Latina não é somente o comércio: é o das culturas compartilhadas entre povos que falam dois grandes idiomas e que têm um grande acervo em comum.

Continuaremos avançando na próxima Cúpula Ibero-americana de Chefes de Estado e de Governo, que será realizada este ano, entre o dia 16 e 17 de novembro na linda cidade de Cádiz e em pleno bicentenário da Constituição liberal de 1812.

É nada menos que a vigésima segunda Cúpula. Todos os membros da Comunidade apreciam e valorizam essas reuniões de alto nível porque sabem que nós, os ibero-americanos, valemos mais e somos mais fortes na medida em que continuemos fortalecendo uma relação que vem de muito longe e que, a pesar dos desencontros lógicos de toda a relação tem, pela frente, um grande futuro.

# QUATRO MOTIVOS PARA *investir* NA *América Latina*



Alejandro Romero

Sócio e CEO América Latina da LLORENTE & CUENCA

No fundo, o título desse artigo deveria começar com uma pergunta ao invés de trazer uma afirmação: Por que se deve considerar a América Latina para investir?; é realmente uma terra de oportunidades promissora?

Depois de muitas análises e comparativos do ambiente global, a resposta parece ser contundente. A América latina está em uma excelente posição para liderar a recuperação econômica mundial. As novas expectativas e oportunidades para os investidores internacionais têm seu foco nas terras hispânicas do continente americano.

Nesse caso, é relevante contextualizar as considerações que nos levaram a tal afirmação partindo de quatro pontos de análise: O ambiente político, o desenvolvimento econômico, a internacionalização de suas empresas e a abordagem cultural.

## ESTABILIDADE POLÍTICA

Diferente do velho continente, que atualmente se encontra em plena crise da dívida soberana europeia, com implicações negativas para os 17 Estados-membros da Zona do Euro, a América Latina goza de uma boa saúde para os próximos dez anos devido às suas boas políticas macroeconômicas.

“*Os países latino-americanos souberam aproveitar as oportunidades para remover restrições ao desenvolvimento e dar um salto quantitativo e qualitativo*”

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) aponta em seu estudo: “Perspectivas Econômicas da América Latina 2012” que os países latino-americanos souberam aproveitar as oportunidades para extinguir restrições ao desenvolvimento e dar um salto quantitativo e qualitativo no fornecimento de serviços públicos.

Países como o México, a Guatemala e a República Dominicana apresentaram uma diversificação econômica e menor gasto público, o que favoreceu o rápido crescimento da classe média e, consequentemente, empurra o desenvolvimento sem depender das economias externas. Em contrapartida, estão os exemplos do Brasil, do Chile e da Colômbia, que são os líderes do desenvolvimento econômico latino-americano a partir da abertura de tratados internacionais, com os quais abriram seus mercados e novas fronteiras. Nesse sentido, a estabilidade das políticas econômicas latino-americanas fortalece sua imagem a nível mundial.

<sup>1</sup> <http://www.oecd.org/dataoecd/39/15/48966240.pdf>





“*Hoje, a América Latina está em uma excelente posição para liderar a recuperação econômica mundial, contribuindo significativamente para evitar uma crise financeira no planeta*

No entanto, ainda existem bons desafios na Região que demandam grandes recursos para conseguir um crescimento robusto, como por exemplo, melhorar as infraestruturas, melhorar o sistema educativo e motivar os investimentos em matéria de inovação.

## CRESCIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL

Fruto da estabilidade política, a América Latina desfruta de uma década de crescimento econômico sustentável e de afluência de investimento estrangeiros. Por isso, existe um consenso sobre os resultados econômicos derivados das políticas de estabilidade econômica e do controle das contas públicas.

Segundo o balanço do “Relatório macroeconômico da América Latina e do Caribe 2012 ” da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), estima-se que a América Latina e o Caribe crescerão 3,7% durante 2012. Embora o número pareça exorbitante, ele é um indicador de crescimento contra a crise dos países europeus, e a desaceleração econômica da economia chinesa. “Os países mais integrados financeiramente à economia mundial (Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru) teriam um crescimento anual de 4,4%, com uma recuperação parcial do crescimento do Brasil (2,7%), mas com taxas mais altas no Peru (5,7%), no Chile (4,9%), na Colômbia (4,5%) e no México (4,0%)”.

<sup>2</sup> [http://www.eclac.cl/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/5/46985/P46985.xml&xsl=/publicaciones/ficha.xsl&base=/publicaciones/top\\_publicaciones.xsl](http://www.eclac.cl/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/5/46985/P46985.xml&xsl=/publicaciones/ficha.xsl&base=/publicaciones/top_publicaciones.xsl)

Inclusive, especialistas como John Welch, diretor executivo de mercados emergentes do CIBC World Markets, consideraram que as fortalezas econômicas da América Latina permitiram tirar proveito da desaceleração global e contribuir significativamente para evitar uma crise financeira mundial.

## O SALTO NO CENÁRIO GLOBAL

Outra chave estratégica que permitiu destacar a América Latina para transformar-se no alvo de novos investidores é a diversificação de suas indústrias e a internacionalização de suas estratégias. Ou seja, o crescimento das empresas na Região, somado a uma adequada gestão de investimentos, permitiu que várias empresas latino-americanas recuperassem seu prestígio no contexto internacional.

Segundo o ranking elaborado pela publicação América Economía, cada vez mais as empresas mexicanas se destacam, como a Cemex, o Grupo Alfa, a Telmex, a Bimbo e a América Móvil, ou como a Odebrencht, o Grupo Vale e o Grupo JBS, do Brasil, que estão entre os principais pontos de análise com melhor posicionamento global e com alto potencial para continuar internacionalizando-se.

Em meio à incerteza econômica mundial estão as empresas latino-americanas que conseguiram sair e competir no exterior. Nesse sentido, a América Latina dá uma excelente lição ao mundo: não somente exportam mercadorias, como também as ideias e melhores práticas dos bons negócios.

De fato, cabe salientar que muitas empresas globais, principalmente da Europa e dos Estados Unidos, buscaram refúgio na América Latina, com expectativas de lucros mais abundantes que não foram encontrados em outras áreas do planeta.

## PLURALIDADE CULTURAL

Para quem tiver interesse em investir na Região, é importante dedicar tempo e recursos para entender a região latino-americana como um “todo” e, ao mesmo tempo, como um “muito-organismo” de complexidades e diferenças culturais.

Mesmo que seja verdade que existe uma coincidência nos processos de crescimento e desenvolvimento latino-americano, dentro do subsistema territorial cada lugar depende de um ambiente específico.

A América Latina deve ser entendida como um subsistema cultural aberto, onde convergem ideias e valores semelhantes pela troca cultural que gerada a partir da língua hispânica. Mas tanto o sistema em sua totalidade como as partes que o compõe são realidades diferentes, nas quais é possível encontrar desigualdade social ou contextos políticos radicais.

A América Latina propõe uma nova reorientação para o mundo dos negócios, com uma versão moderna na qual todos os consumidores podem compartilhar ideias em comum, mas cada indivíduo gosta de contar com um toque diferenciado.

Assim, o binômio de sociedade comum e território semelhante é uma oportunidade de investimento para a América Latina, mas que no esquema das organizações multinacionais tende a modificar a centralização das operações.

**“** *As empresas latino-americanas conseguiram sair e posicionar-se no contexto global, o que deixa uma excelente lição para o mundo: não somente exportam as mercadorias, como também as boas ideias e melhores práticas de negócio*

A América Latina é uma terra de oportunidades promissora para investir? As razões expostas aqui podem ser uma referência e, adicionalmente, tenha em conta que você pode fazer um cruzamento dessas variáveis mas, ao final, terá como resultado uma valorização positiva. Nos anos 80, ninguém teria imaginado que a América Latina seria um referente mundial, mas chegou a oportunidade para a América Latina, que passa de pátio dos fundos à fachada da casa.



# UM **RIO** MELHOR PARA **VIVER**, **trabalhar** E **visitar**



Maria Silvia Bastos

Presidente da Empresa Olímpica Municipal do Rio de Janeiro

Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 representam um divisor de águas na história do Rio de Janeiro. Sedar esses eventos vai além da dimensão esportiva e de congraçamento entre diversos povos e culturas. É uma grande oportunidade para construirmos um importante legado para a cidade, difundir a imagem do Rio de Janeiro e do Brasil e demonstrar a capacidade do Rio de realizar grandes eventos.

A nossa meta principal é tornar o Rio um lugar melhor para seus moradores e visitantes, perpetuando os benefícios impulsionados pelos eventos esportivos. A premissa é construir um legado cujo valor material se aproxime ou supere o valor do investimento realizado, contribuindo para que o Rio seja reconhecido, na próxima década, como a melhor cidade do Hemisfério Sul para viver, trabalhar e visitar.

Desde a candidatura do Rio a sede dos Jogos 2016, perseguimos a construção de um legado tangível e também intangível, e que já começa a ser percebido por quem mora ou vem à cidade. A quatro anos para os Jogos, o Rio já apresenta instalações olímpicas concluídas –em alguns casos antes do prazo previsto no Dossiê de Candidatura– ou em construção. Estão concluídas a reforma

“*É uma grande oportunidade para construirmos um importante legado para a cidade, difundir a imagem do Rio de Janeiro e do Brasil e demonstrar a capacidade do Rio de realizar grandes eventos*”

do Sambódromo e a construção do Parque dos Atletas, do Centro de Operações e do BRT (*Bus Rapid Transit*) Transoeste. Outras foram iniciadas, como o Parque Olímpico Rio 2016.

O Parque Olímpico começou a sair do papel no dia 6 de julho, dentro do cronograma previsto. Esse complexo esportivo, onde serão realizadas 14 modalidades olímpicas e 9 paralímpicas, está sendo erguido

numa área de 1,18 milhão de metros quadrados, do tamanho do bairro do Leme. Parcela relevante do Parque será erguida com recursos privados, por meio de uma Parceria Público-Privada (PPP) da prefeitura do Rio com o consórcio vencedor da licitação. É a primeira vez, nos Jogos Olímpicos, que o setor privado associa-se ao poder público no investimento para a construção do Parque Olímpico. Após os Jogos o local se transformará –de acordo com o Plano Diretor do Legado, já definido– em um bairro sustentável, referência de planejamento para a cidade.

Outra área que está passando por uma revitalização completa é a do Porto Maravilha. A requalificação da região portuária resgata uma área histórica central do Rio e importante porta de chegada à cidade. A regeneração do centro do Rio está sendo inteiramente viabilizada com



**“Além de evoluir com o programa de obras que constituirá o legado tangível, estamos avançando na construção do legado intangível, que visa transformar pessoas e mudar comportamentos**

recursos privados, pela maior PPP em curso no país, de R\$ 8,8 bilhões.

As quatro regiões olímpicas –Copacabana, Deodoro, Barra da Tijuca e Maracanã– e seus arredores, também receberão investimentos públicos e privados, beneficiando um total de dois milhões de pessoas.

A implantação de quatro linhas de BRTs é outro legado que começa a se tornar real. Serão 150 km de vias segregadas, com impacto direto na qualidade de vida dos cidadãos, pela significativa redução do tempo de deslocamento e da poluição do ar. Com veículos rápidos e confortáveis, adaptados para pessoas com deficiência e menos poluentes, estima-se que os BRTs permitirão a ampliação do uso de transporte público de 18% para 63%. O maior dos quatro BRTs em implantação na cidade, o Transoeste, já teve 51 km de seus 56 km entregues à população –com mais de 20 estações em funcionamento– e possibilitou a ligação da Barra da Tijuca a Santa Cruz e Campo Grande. O segundo maior BRT, o Transcarioca, com 39 km, ligará a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim. Embora a conclusão da obra esteja prevista para 2013, já foram inaugurados o Mergulhão Clara Nunes, em Campinho, e a duplicação do Viaduto Negrão de Lima, em Madureira.

Além de evoluir com o programa de obras que constituirá o legado tangível, estamos avançando na construção do legado intangível (apropriação ou construção de bens de natureza imaterial), que visa transformar pessoas e mudar comportamentos.

Nesse sentido, estão em curso iniciativas como o Rio Criança Global, que universalizará, até 2014, o ensino do inglês nas 1.066 escolas municipais, dando a 530 mil alunos melhores condições de empregabilidade. Outros projetos são o Rio em Forma Olímpico, de fomento à prática esportiva e à atividade física em áreas públicas, e o Ginásio Experimental Olímpico, escolas para alunos-atletas, já existindo uma em funcionamento. A Prefeitura também tem apoiado, por meio de patrocínio, a preparação de atletas do Time Rio (Olímpico e Paralímpico).

Os Jogos também representam uma grande oportunidade de desenvolver uma cultura de respeito pela cidade e excelência de serviços. Nesse sentido, várias iniciativas podem ser trabalhadas como, por exemplo, campanhas institucionais e de conscientização em diversas mídias, incluindo as redes sociais.

Nossa estratégia é comunicar o projeto olímpico e abrir um canal de diálogo para promover a participação da população no processo de preparação da cidade. Neste contexto, estão previstas diversas ações de engajamento que visam, principalmente, a formação de “cariocas olímpicos” capazes de multiplicar os benefícios urbanísticos e sociais proporcionados à cidade.

Estamos trabalhando com entusiasmo para que, em 18 de setembro de 2016, quando se encerram os Jogos Paralímpicos do Rio, os cariocas tenham orgulho de termos realizado, com alegria e sucesso, no tempo exigido e com transparência o maior evento esportivo concebido pela humanidade. Mais do que isso, orgulho de vivermos em uma cidade mais cidadã, moderna e sustentável.



# UE-MERCOSUL: A PROFUNDIDADE *estratégica* DE UM **Acordo**



Rafael Estrella

Ex-embassador da Espanha na Argentina

O futuro da América Latina passa pelas políticas de integração regional, das quais o MERCOSUL é o expoente mais ambicioso e avançado. A aposta da Europa na América Latina não será confiável ou viável sem um Acordo de Associação com o MERCOSUL, que suporia a criação da maior zona de livre comércio do mundo.

Em maio de 2010, em Madrid, recomeçaram as negociações UE-MERCOSUL, abruptamente interrompidas em 2004. A falta de vontade de alguns dos principais sócios de ambos os grupos, a prevenção pela envergadura do acordo e o temor a um novo e traumático fracasso teriam diluído o interesse por retomar as negociações. A decisão de Madrid foi fruto do impulso político da Espanha e da Argentina, os dois países que presidiam a UE e o MERCOSUL, com a cumplicidade ativa e protagonista da Comissão Europeia e o acompanhamento decidido de outros sócios de ambos os grupos. A estagnação da Ronda de Doha levou o Brasil a situar o Acordo com a UE entre suas prioridades.

A assincronia dos processos eleitorais (Argentina, França) atrasou a apresentação de propostas, que poderia ser produzida no segundo semestre de 2012, com a Presidência do Brasil no MERCOSUL. Há um claro risco de que a grave crise econômica na Europa e os efeitos do desaquecimento do co-

**“ A UE é o primeiro destino das exportações do MERCOSUL e o segundo exportador ao MERCOSUL –depois da Ásia-Pacífico–, onde também é o primeiro investidor**

mércio mundial sobre as economias do MERCOSUL alterem as prioridades das agendas políticas, e isso em um ambiente negativo, com aumento de tarifas por parte da Argentina e do Brasil, barreiras às importações e clima de turbulências cambiais na Argentina ou confisco de ações da Repsol no YPF.

Mas se o panorama a curto prazo mostra um contexto propício para avançar em acordos que favoreçam e incentivem o comércio e o investimento, uma visão de maior abrangência evidencia que, apesar do que foi mencionado anteriormente ou também por esses mesmo motivos, o incentivo à negociação e a conclusão de um Acordo é se há uma prioridade ainda maior, tanto por motivos econômicos como, e não menos importante, geoestratégicas.

A importância econômica e comercial que teria o Acordo para ambas as partes é inquestionável. A UE é o primeiro destino das exportações do MERCOSUL e o segundo exportador ao MERCOSUL –depois da Ásia-Pacífico–, onde também é o primeiro investidor.

Estudos de impacto projetam um efeito muito positivo do Acordo nas economias do MERCOSUL, que poderia ver a ampliação considerável do seu acesso ao importante mercado europeu; o PIB

creceria 0,5% na Argentina, 1,5% no Brasil e até 10% no Paraguai. Para a UE, o aumento seria de 0,1% do PIB, mas, principalmente, passaria a desfrutar de uma posição singular como socioeconômico e comercial preferente do MERCOSUL, beneficiando-se, por exemplo, do acesso no Brasil a um mercado de 30 bilhões de US\$ em compras governamentais, que hoje estão fechadas.

Mas, em especial, um possível Acordo UE-MERCOSUL teria uma profundidade estratégica tão intensa como multidimensional.

Para a UE, seria a possibilidade de um salto gigante no caminho marcado pelos acordos com o México, Chile, América-Central, Colômbia e Peru e uma robusta relação com a América Latina.

No MERCOSUL, aceleraria as dinâmicas de sua construção interna, incentivando a coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais entre seus membros e a harmonização de legislações, fortalecendo o processo de integração e a criação efetiva de uma política comercial comum, objetivos declarados em 1991 no Tratado de Assunção e ainda não alcançados em uma União com importantes carências e limitações.

O Acordo produziria um espaço mais aberto, previsível e regado para o comércio e os investimentos, tanto entre a UE e o MERCOSUL como entre os sócios desse último, permitindo superar as incertezas e tensões atuais.

O aprofundamento do MERCOSUL para relacionar-se como um bloco coerente e de acordo com a UE, além de contribuir com a estabilidade regional, permitiria que tornasse realidade seu imenso potencial como ator internacional, um objetivo que acompanharia as ambições do Brasil de consolidar-se como grande potência, mas sem ser percebida como um ator solitário e unilateral.

**“ Para a UE, o aumento seria de 0,1% do PIB, mas, principalmente, passaria a desfrutar de uma posição singular como socioeconômico e comercial preferente do MERCOSUL**

Finalmente, o MERCOSUL e a UE –igual ao México e a outros países da Região– olham com grande receio a forma como a China, um país alheio à cultura e aos princípios de democracia e Estado de Direito que compartilhamos, aspira a transformar-se em uma potência hegemônica à custa, seja do reaprimoramento das economias da América Latina ou da África ou, de forma crescente, de aquisições nos cinco continentes, tão oportunistas como imprevisíveis em seus objetivos, um cenário que demanda uma visão e uma posição dividida entre ambos os lados do Atlântico. A UE e o MERCOSUL reúnem a massa crítica necessária para começar um exercício que deveria incorporar outros países importantes da Região e, claro, os EUA.





# **EQUADOR:** UM **EXEMPLO** DA NOVA **tendência turística** LATINO-AMERICANA



Roque Sevilla

Presidente do Grupo Futuro e do Metropolitan Touring no Equador

Quando já tenhamos visitado os monumentos, as igrejas, os chafarizes, os museus e as galerias de arte das grandes metrópoles e quando, fugindo do barulho mundano, procuremos o descanso confortável no Hyde Park de Londres, o Central Park de Nova Iorque e os Bosques de Bologna em Paris, sentimos que chegou o momento de direcionar nossas ilusões a novos rumos onde a natureza vive em seu máximo esplendor, aí então vale à pena ir à América Latina e nela, a países “joia”, como o Equador.

Ali, a mínimas distâncias, descobrimos mudanças dramáticas: depois de uma ou duas horas de viagem podemos passar das paisagens andinas cheias de nevadas e picos de mais de 6.000 metros de altura, às selvas que abrigam uma fabulosa biodiversidade, praias solitárias de quilômetros de extensão e mares dos quais surgem, em esplêndidos saltos, baleias jubaretas e arraias. É difícil dizer o que pode ser visto naquele único Arquipélago de Galápagos, onde os animais não conhecem o medo ao homem, um verdadeiro símbolo vivo de paz. A isso são somadas as expressões culturais das comunidades indígenas que vivem em ecossistemas muito diversificados e, portanto, desenvolveram culturas diferentes, onde a música e a gastronomia têm personalidade e forma diferente.

“ *O povo equatoriano apoiou uma nova Constituição que traz duas novidades: o princípio da boa vida e a defesa legal da Natureza quando se atente contra ela* ”

Mas, no fundo, o que chama a atenção é a atitude das novas gerações de equatorianos que encontram valores em elementos que outros povos menosprezam. Essa tendência ficou em evidência há alguns anos, quando o Estado equatoriano não aceitou a ingerência estrangeira para transformar as Ilhas Galápagos em base militar. Fez melhor, resolveu

declarar 97% deste território como Parque Nacional, restringir a migração de equatorianos às ilhas, proteger a Área Marinha criando a segunda maior Reserva Marinha do planeta e limitar o desenvolvimento turístico congelando a capacidade das embarcações turísticas que operam no Arquipélago. Isso permitiu que 95% de todas as espécies que jamais existiram ainda sejam preservadas em Galápagos.

Nos últimos anos, esse desejo de cuidar do patrimônio natural que o Equador tem cresceu de forma evidente. Assim, o povo equatoriano apoiou uma nova Constituição que traz, entre muitas outras, duas novidades importantes.

A primeira é colocar como objetivo do Estado não o crescimento desmedido da economia, o consumismo e a especulação, mas sim o princípio da boa vida. Em outras palavras, buscar o crescimento econômico com o objetivo de permitir que todos



“ *As comunidades indígenas que se opõem a que sejam feitas novas explorações petrolíferas e minerais no país* ”

os habitantes vivam com dignidade, reduzindo, simultaneamente, as desigualdades sociais. Também, buscar proteger as demais formas de vida (da qual o Equador é um empório, pois é a região do planeta que, proporcional ao seu tamanho, tem a maior diversidade de vida na Terra) com uma importância semelhante à vida do ser humano.

A segunda, dá à Natureza (assim, com letra maiúscula), personalidade jurídica sujeita a direitos e, por tanto, suscetível de ser defendida legalmente quando se atente contra ela.

E embora falte muito para que esses princípios estejam plenamente vigentes, começa a apresentar sinais que indicam que o Equador segue nessa direção: o Governo, em um ato sem precedentes e com o apoio de mais de 60% da população, resolveu deixar em baixo da terra 20% do petróleo que se encontra no subsolo do Parque Nacional Yasuní, que é a área mais biodiversa da Amazônia sul-americana. O Governo procura a solidariedade mundial para receber 50% do valor fornecido e investi-lo na mudança da matriz energética (que para 2016 será 98% renovável), proteger os 40 Parques Nacionais continentais que cobrem um quinto do território equatoriano, e procurar opções econômicas sustentáveis para as comunidades que moram em áreas de influência das áreas protegidas.



Outro sinal claro é a oposição das comunidades indígenas a que sejam feitas novas explorações petrolíferas e minerais no país. Esse movimento, é cada vez mais transcendente e tem uma capacidade de mobilização imensa, como foi demonstrado na última marcha indígena que atravessou todo o país para dizer ao Governo que eles não estavam de acordo com a ideia de seguir ferindo a Pachamama para explorar os recursos não renováveis.

Se essa nova ética se impõe no Equador e em outros países latino-americanos, poderá ser conservada uma imensa riqueza natural, que não somente será apreciada como fonte de substâncias medicinais valiosas, mas também como o último destino turístico, que como em Galápagos, conservará toda a vida que já não é encontrada no resto do Planeta. E se isso é assim, o viajante que tenha a sorte de visitar essa região, voltará com o tesouro de uma experiência gravado na sua alma.





Gonzalo Garland

Vice-presidente de Desenvolvimento do IE Business School

O ano de 1982 foi muito importante na América Latina e ainda está presente no imaginário coletivo da Região. Naquele ano, o México anunciou que não poderia continuar pagando sua imensa dívida externa, o que gerou um efeito dominó na Região chamado de “efeito tequila”, que atingiu praticamente todos os demais países. E esse episódio foi o detonante do que ainda é conhecido como “a década perdida”. Embora o momento chave tenha sido agosto de 1982, a década perdida estendeu-se ao longo de toda a década de 80. Quando eram comparadas as rendas per capita dos países o que se observava era que, poucas exceções como o Chile, a Colômbia ou a República Dominicana, conseguiram alguma melhora, a maior parte dos países da Região tinha rendas per capita menores no final da década do que no começo. Na Venezuela, no Peru ou na Nicarágua a queda acumulada era de mais de 30%, na Argentina ou no Haiti era de mais de 20%, e na Região, em seu conjunto, era de mais de 10%.

Por outro lado, ao não pagar a dívida, os países da Região ficaram fora do sistema financeiro internacional e foram muitos os esforços e o tempo dedicado ao seu refinanciamento e, com isso, ao “retorno” desses dísculos países à “ortodoxia” internacional. Enquanto tentava-se resolver esse problema, muitos países vivenciavam os piores

“ *A grande abertura da Região acontece nos anos 90, quando são reduzidas as medidas protecionistas e se produz uma abertura comercial e de investimentos* ”

episódios de hiperinflação de sua história. E isso não deve nos surpreender. Devido à ruptura com o sistema financeiro internacional, os países incapazes de reduzir significativamente seus déficits fiscais concluíram que a única opção para financiar esses déficits

era imprimir dinheiro. E a Região não conseguiu livrar-se desses episódios de hiperinflação até boa parte da década de 90.

Mas, além disso, em 1982 a América Latina ainda tentava desfazer-se das ditaduras militares que tinham sido a norma, mais que a exceção, durante os anos 70. A Argentina, o Chile, o Brasil, o Paraguai, o Haiti ou o Panamá ainda contavam com governos militares naquele ano.

E em termos de política econômica, a Região continuava firmemente presa a um modelo protecionista que olhava muito mais para dentro do que para o resto do mundo. Havia alguma exceção, mas a grande maioria dos países mantinha quase intacta uma estrutura de tarifas muito altas, que tinha dado alguns resultados positivos no passado, mas que precisava adaptar-se para favorecer uma maior competitividade e eficiência. A grande abertura da Região acontece nos anos 90, quando são reduzidas as medidas protecionistas e se produz uma abertura comercial e de investimentos que era muito mais limitada até então.

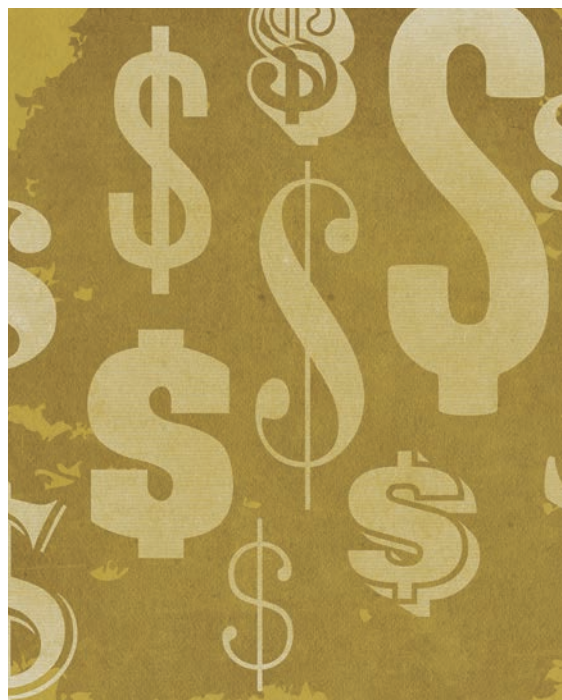
Caso seja medido o “grau de abertura” das economias como o resultado da soma das exportações mais as importações sobre o PIB de um país, podemos ver de que forma entre 1990 e 2005 se produziu uma grande abertura das economias latino-americanas. Assim, por exemplo, e apesar de que o curso da abertura ainda não tenha terminado, a Argentina passou de um grau de abertura de 15% em 1990 a um de 44% em 2005. No mesmo período o Brasil passou de 15 a 29%, e o México de 39 a 62%. E nesse caso, a América Latina coincide no tempo de seu processo de abertura com países de outras regiões do mundo, como a Índia, que passa de 16 a 45% depois do começo de seu processo de reformas em 1991 e 1992, a Rússia, que em sua transição aumenta sua abertura de 36 a 57%, ou inclusive a China, que já tinha começado timidamente seu processo de abertura no fim dos anos 70, que passa de 35 a 69%.

E esses processos de abertura e maior integração na economia global foram cruciais no reconhecimento da importância das “economias emergentes”, que sem dúvida estão mudando o mundo de uma forma importante. Sabemos que a realidade econômica de hoje é muito diferente da realidade de 3 décadas atrás, naquele momento amplamente dominada pelas economias de alta renda da América do Norte, da Europa Ocidental, do Japão da Austrália e da Nova Zelândia. Hoje, o mundo é muito mais complexo, com a Ásia emergente recebendo a maior atenção, mas com um reconhecimento cada vez maior a outras regiões do mundo, como a América Latina, a Europa do Este ou, como muitos já dizem, uma África emergente que provavelmente dê muito o que falar nos próximos anos.

E nessa realidade mais complexa, a América Latina tem um lugar muito importante. Ganhou, com todo merecimento, um lugar privilegiado entre as economias emergentes e enfrenta o futuro de forma muito diferente de 30 anos atrás, com políticas fiscais e monetárias prudentes, novamente na maioria dos casos, e com mais segurança na ca-

“ *A América Latina enfrenta desafios importantes, como alcançar um crescimento econômico que chegue a amplos setores da população e continuar fortalecendo as instituições e a democracia* ”

pacidade de suas sociedades jovens e suas instituições, agora mais maduras, de levar a seus países um futuro melhor. É claro que a Região enfrenta desafios importantes, como alcançar um crescimento econômico que chegue a amplos setores da população, diminuindo as enormes desigualdades, ou continuar fortalecendo as instituições e a democracia, para mencionar duas. Mas tudo parece indicar que, embora existam diferenças internas, a Região agora está muito mais bem preparada para enfrentar o futuro do que estava naquele longínquo ano de 1982.



# AMÉRICA LATINA, UM EXEMPLO PARA A **Europa**



Maricarmen Cortés

Jornalista e colunista do jornal El Universal

Talvez muitos já tenham esquecido, mas nos anos 80 foi registrada uma severa crise financeira que atingiu a maioria dos grandes países da América Latina, principalmente o México, devido ao aumento da dívida externa; o desperdício das rendas petrolíferas e elevados déficits públicos; pela irresponsabilidade dos governos de gastar muito, sem arrecadar mais impostos e sem cuidar a fonte de financiamento dos programas sociais, ajudados pelo menos irresponsáveis bancos internacionais que nos emprestavam dinheiro sem uma adequada análise de risco.

Soa familiar? Isso é exatamente o que está passando hoje em dia com os países europeus, que alguns chamam com desdém de *Pigs* (Portugal, Itália, Grécia e Espanha, por suas siglas em inglês).

Apesar da União Europeia, do Euro e dos limites de endividamento, os países europeus cometeram uma grande irresponsabilidade ao lidar com suas fianças públicas e, hoje, o problema principal da Europa é sua excessiva dívida, como foi na América Latina há exatamente 30 anos, com o agravante de que não somente há um excessivo endividamento do setor público como também do privado, como aconteceu no México na crise de 1982, que teve

“ *Nos últimos 30 anos, a América Latina assumiu a liderança a nível mundial. Um exemplo foi a realização do G20 no México, que pela primeira vez tem uma sede latino-americana*

como consequência a nacionalização dos serviços bancários que duraram 10 anos; em um absurdo e ineficiente controle de mudanças e uma gravíssima perda de confiança que atingiu toda a Região.

Hoje os papéis parecem ter sido invertidos. Depois de duas décadas de ter lutado contra a má imagem da Região, dos duríssimos e socialmente criticados programas de ajuste no gasto público, das medidas impostas pelo FMI, pelo Banco Mundial e organismos multilaterais, além de sobreviver às crises de 87, 95 e 2008, a América Latina conseguiu, finalmente, o *turn around*.

Muitos países da Região como o Chile, o Peru, o Brasil, a Colômbia e o México hoje são considerados como exemplo em programas econômicos de sucesso e em reformas como as do sistema de pensões e a abertura comercial.

Naturalmente, em um mundo tão interconectado como o que vivemos atualmente, as crises já não são isoladas à uma região e o que aconteça na Europa, com a possível saída da Grécia da zona do euro e suas consequências no sistema financeiro, repercute em todos os países e, diante da dúvida, os investidores fogem dos países em desenvolvi-



MÉ-

XI-

CO



**“ Muitos países da Região como o Chile, o Peru, o Brasil, a Colômbia e o México hoje são exemplos a serem seguidos em programas econômicos de sucesso e em reformas como as do sistema de pensões e a abertura comercial**

mento e preferem refugiar-se nos Estados Unidos, a pesar das baixíssimas taxas de 1,6% dos Bônus do Tesouro há 10 anos e do elevado déficit que enfrenta a economia norte-americana.

No entanto, a América Latina está lidando melhor com a crise da Europa que outras regiões. Conforme a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), que lidera a mexicana Alicia Bárcenas, o crescimento médio da Região este ano será de 3,7% e, embora marque uma queda contra 4,3% de 2011, é um comportamento muito melhor em comparação com a Europa, que está em recessão e os Estados Unidos que mantém uma lenta recuperação.

Enquanto a economia do Brasil atualmente enfrenta severos problemas de produtividade devido à valorização da sua moeda e tenha freado seu crescimento econômico, o México, o Chile e a Colômbia terão um melhor desempenho, segundo o que prognosticou o CEPAL.

Nos últimos 30 anos também cresceu a liderança da América Latina a nível mundial. Um exemplo é a realização do G20 no México, porque é a primeira vez que um país latino-americano é sede dessa reunião da qual participam os Chefes de Estado dos 20 maiores países do mundo.

E por falar em América Latina, deve-se reconhecer também que não podemos falar de hegemonia pelos diferentes modelos econômicos: por um lado, os que estão aplicando reformas estruturais

como o Chile, o México, o Peru e os que estão a favor de políticas mais populistas, uma maior intervenção do governo na economia como a Venezuela, Cuba e a Argentina.

De fato entre as luzes e sombras da região Latino-americana está hoje a preocupação com as medidas protecionistas que foram aplicadas, não somente pela Venezuela, como também pelo Brasil e pela Argentina. No caso do Brasil, destacam-se as pressões ao México para renegociar o Acordo Comercial no setor automotivo, o ACE 55, devido a que a balança, que durante os primeiros cinco anos não foi favorável para o Brasil, pesou para o lado do México a partir de 2010.

No caso da Argentina, evidencia-se claramente a expropriação das ações do YPF, Yacimientos Petrolíferos Fiscales, que eram de propriedade da hispânica Repsol e a consequência é que o governo de Cristina Fernández enfrenta hoje as ameaças de sanções comerciais por parte da União Europeia.

Essas medidas protecionistas contrastam com a política de abertura do bloco do Pacífico integrado pelo México, Peru, Chile e Colômbia. Em junho foi ratificada a Aliança do Pacífico no Chile com a participação do Panamá e da Costa Rica como países observadores.

Além disso, o Chile e o Peru estão integrados no TPP, Acordo Comercial Transpacífico, que lidera os Estados Unidos e do qual participam também Brunei, Nova Zelândia, Malásia, Singapura, Vietnã e Austrália. O México está já a ponto de ser incorporado ao TPP, que será o bloco econômico mais importante do mundo e com o maior potencial de crescimento.

Assim, mesmo que existam luzes e sombras, não há dúvidas de que a América Latina tenha hoje uma presença política mais notável e solidez financeira no difícil ambiente internacional.



# AS **INFRAESTRUTURAS**, o **grande desafio** REGIONAL



Fernando Gualdoni

Chefe da Seção Internacional do Jornal El País

A América Latina tem uma importante matéria pendente para poder se transformar em um dos novos eixos do poder mundial: as infraestruturas. Embora durante os últimos 12 anos estejam em andamento muitas obras na área do transporte, a Região está longe de ter uma rede logística que lhe permita aproveitar o potencial econômico que desenvolveu e o empurrão que espera do comércio com a Ásia, que cresce a uma taxa média de 20% desde 2000.

Nos primeiros dez anos do novo milênio, todos os países se beneficiaram, em maior ou menor medida, com a venda de matérias-primas ao Oriente e nenhum se sentiu pressionado para voltar-se aos mercados emergentes até que eclodiu a crise no Ocidente em 2008. Mas agora, nesta segunda década, está sendo produzido um desdobramento dos países latino-americanos com relação à sua relação com a Ásia.

O Chile, o Peru, a Colômbia, o México e o Panamá estão tecendo fortes laços para estimular o comércio com a Ásia. Enquanto isso, a Argentina, a Venezuela, a Bolívia e o Equador, mais protecionistas e com políticas de corte mais nacionalistas, correm o risco de ficar para trás tanto nas interações com o Oriente como nas intrarregionais. O Brasil se movimenta entre duas águas: impõe barreiras para

**“ O Brasil se movimenta entre duas águas: impõe barreiras para proteger-se da concorrência industrial chinesa e, ao mesmo tempo, busca caminhos de acesso ao oceano Pacífico**

proteger-se da concorrência industrial chinesa e, ao mesmo tempo, busca caminhos de acesso ao Pacífico.

A batalha por aumentar as vendas à Ásia, oferecer a médio e longo prazo produtos de valor agregado e, principalmente, captar os créditos chineses para construir infraestruturas,

será determinante para manter os altos níveis de crescimento vistos nos últimos anos na América Latina. Os bancos chineses já emprestaram mais de 75 bilhões de dólares à Região, mais que muitas instituições financeiras tradicionais de crédito. A Colômbia, por exemplo, prevê receber da China quase 8 bilhões para construir uma rede de ferrovias e rodovias para competir com o Canal do Panamá através da ligação de suas costas do Caribe e do Pacífico.

A tarefa de interligar a Região é titânica. O Cone Sul latino-americano esteve dando as costas praticamente desde que as grandes guerras de conquista territorial do final do século XIX (a da Triple Aliança e a do Pacífico) enterraram os ideais bolivarianos de integração regional. Durante o século XX, as guerras civis e as diferentes hipóteses de conflito militar entre alguns países (a Argentina com o Chile e o Brasil, o Peru com o Equador, a Colômbia com a Venezuela), algumas enquistadas e outras convenientemente

provocadas em diferentes épocas, mantiveram a Região desunida. As tentativas de integração econômica, desde a ALALC nos anos 60 até a CAM ou o MERCOSUL, não deram bons resultados.

Finalmente, foi em 2000, em Brasília, e por solicitação do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, quando as grandes economias sul-americanas aprovaram o projeto de Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana (IIRSA), o mais ambicioso plano para a execução de obras e reformas legislativas necessárias para facilitar a comunicação e o comércio regional. O programa tem três objetivos: integrar os mercados, abrir caminhos para propiciar competitividade à escala mundial e, principalmente, reduzir os custos logísticos. Não menos ambicioso, porém mais tardio, é o Projeto Mesoamérica para modernizar o corredor rodoviário do pacífico, que começou a ser executado em 2008 pelo México e os países centro-americanos.

O projeto IIRSA estabeleceu dez eixos de integração que interligam dezenas de rios e rodovias. No total, cinco unem os oceanos Atlântico e Pacífico, de norte a sul do continente, e outros quatro têm os caminhos abertos através da zona amazônica. Embora originalmente tenham sido aprovados 335 projetos, com um custo de 37.5 bilhões de dólares, em 2004 os 12 países participantes identificaram 31 obras prioritárias para a Região (28 na área de transportes). No final de 2010, tinham sido finalizados duas e outras 19 estavam em execução, segundo o último relatório dos gestores de IIRSA.

A primeira dessas obras, tão simbólica quanto significativa, foi finalizada pelo Brasil. Foi a ponte sobre o rio Acre, seiva de um território fronteiriço com o Peru, ganhado da Bolívia em uma guerra que acabou em 1903. Foi a pedra angular da rodovia interoceânica que une Lima a São Paulo, a primeira grande estrada internacional pavimentada entre o Atlântico e o Pacífico na história da América Latina e símbolo do poder econômico peruano e brasileiro. A segunda passagem em andamento entre ambos os oceanos une o litoral norte

“ *A batalha por aumentar as vendas à Ásia, oferecer produtos de valor agregado e captar os créditos chineses para construir infraestruturas será determinante para manter os altos níveis de crescimento* ”

peruano à cidade brasileira de Manaus, uma das áreas com maior projeção industrial e tecnológica. O Brasil precisa chegar aos portos peruanos e chilenos para evitar as vias marítimas através do canal panamenho e do cabo de Hornos, muito longas e caras. O gigante sul-americano desconfia do mercado asiático, mas sabe que o futuro está ali.



# ARGENTINA EM 2012, UM PAÍS FORTALECIDO

## PELA SUA **inserção internacional**



Jorge Castro

Presidente do Instituto de Planejamento Estratégico da Argentina

A América Latina crescerá este ano 3,5% ou mais, liderada pelo Brasil, que se ampliará 3%/4%. O mais notável desse auge, pós-crise internacional 2008/2009, é que todos os países da América do Sul têm a mesma estrutura de comércio exterior, com mais da metade de suas exportações constituídas por matérias-primas (soja, cobre, mineral de ferro): Brasil 56%; Chile, Colômbia, Peru, 70%/80%.

A China se transformou também no maior sócio comercial dos países da Região, principalmente do Brasil, Chile e Peru e, considerada como país individual, no principal destino das exportações agro-alimentares argentinas. A correlação entre o preço das exportações da América do Sul e a demanda industrial chinesa é mais de 60%.

O efeito mais importante da irrupção da China/Ásia no comércio internacional é a modificação que provocou nas condições de intercâmbio global (relação entre o preço das exportações e o preço das importações). Por isso, para o resto dos países emergentes, principalmente os da América do Sul, desapareceram as vantagens comparativas nos produtos industriais trabalho-intensivos e reapareceram em grande escala as vantagens comparativas na produção de *commodities*.

“ *Todos os países da América do Sul têm a mesma estrutura de comércio exterior, com mais da metade de suas exportações constituídas por matérias primas* ”

O resultado é que a estratégia de desenvolvimento que impõe à América Latina a nova estrutura do acúmulo global com seu pilar na China surge agora, por necessidade, da transformação irreversível dos termos de intercâmbio. A China se transformou, em 2010, na principal investidora direta no Brasil, como já acontece no

Peru (Camisea/US\$ 4.3 bilhões) com investimentos em mineração, aço, indústria automotiva e infraestrutura. A República Popular é a maior exportadora mundial de capitais, com investimentos diretos no exterior que esse ano passa de US\$ 100 bilhões.

O que está acontecendo é que a República Popular Chinesa começa a renovar seu excesso de economia dirigindo a outros países emergentes, da mesma forma que tem feito nos últimos 15 anos com os Estados Unidos, quando adquiriu títulos do Tesouro por US\$ 1.5 bilhões. A contrapartida é que as exportações brasileiras à China aumentaram 60% no ano passado a um ritmo mais acelerado que o da região asiática. A integração crescente entre a China e o Brasil faz parte do incremento do comércio Sul-Sul, uma das manifestações centrais da virada da demanda mundial dos países avançados aos emergentes. O comércio Sul-Sul, primordialmente Ásia/América do Sul, aumentava a 45% do total do comércio mundial em 2011.



aMÉRICA  
LaTINa

**“ A América do Sul não é castigada pela “maldição das matérias-primas”, mas sim pela sua incapacidade histórica para incrementar a produtividade através de um processo incessante de aberturas e reformas**

O problema da América do Sul não é a estrutura de suas exportações baseada nas matérias-primas, e sim seu fraco crescimento potencial a longo prazo, sua baixa taxa de investimento e sua nula ou negativa produtividade. A América do Sul não é castigada pela “maldição das matérias-primas” –valorização da moeda e incapacidade de exportar dos outros setores da economia–, mas sim pela sua incapacidade histórica para incrementar a produtividade através de um processo incessante de aberturas e reformas.

Isso é o que cria uma estrutura econômica heterogênea e divergente entre o setor de matérias primas e o restante. No entanto, quando a produtividade do conjunto é alta, a disponibilidade em grande escala de matérias-primas é uma benção. É o caso da Austrália, do Canadá, dos países escandinavos e dos Estados Unidos, entre outros.

Nesse contexto, a Argentina se encontra extremamente fortalecida. A economia argentina teve uma média anual de crescimento de 2.5% entre 1950 e 2008 (1.1% de aumento do PIB per capita); virtual estagnação. Além disso, entre 1970 e 1990 o PIB por habitante afundou (-15%). De repente a tendência mudou, e entre 1990 e 2010 a renda per capita cresceu 60% e houve crescimento com um aumento notável da relação exportações/PIB (+30%).

A partir da década de 90, a produção agro-alimentar liderada pela soja (farinhas e azeites) começou a crescer de forma constante. O que está acontecendo é que pela primeira vez em setenta anos a Ar-



gentina dispõe de uma produção que o mundo tem o interesse de comprar, principalmente o setor mais vigoroso do capitalismo globalizado: China/Ásia.

Por isso, têm surgido superávits externos estruturais e acumulativos capazes de financiar as importações necessárias para suportar uma alta taxa de crescimento. Em resumo, desapareceu a crise crônica do setor externo.

O superávit comercial este ano será de US\$ 9.3 bilhões. É o mesmo que vem acontecendo desde 2002/2003, quando a Argentina conseguiu um superávit comercial estrutural que estava entre US\$ 10 bilhões e US\$ 20 bilhões por ano (2007, US\$ 15 bilhões/2008, US\$ 20 bilhões). Durante esse período (os últimos nove anos) o superávit comercial acumulado passa de US\$ 160 bilhões.

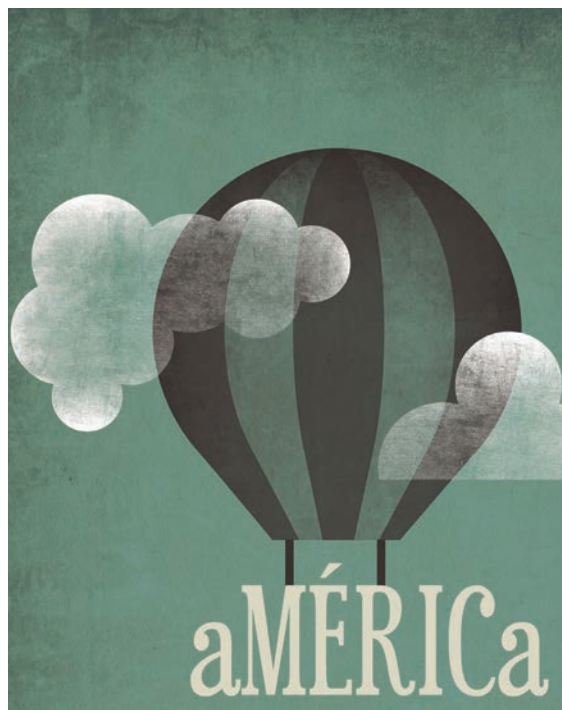
A composição fundamental deste superávit é nítida. Mais de 2/3 do total das exportações argentinas é referente à produção agro-alimentar; o único setor industrial que exportou significativamente é o automotor. No entanto, a balança comercial industrial seria, este ano, negativa em mais de US\$ 35 bilhões.

Desde julho de 2007 até março deste ano saíram da Argentina US\$ 80 bilhões, fazendo com que a partir de outubro de 2011 se estabelecesse o controle de mudanças atualmente vigente. Mas, diferente de todas as crises anteriores, essa vez a crise do setor externo não foi consequência de uma queda das exportações (em volume ou preço), mas sim de um fenômeno estritamente político, de ordem interna (crise de confiança/crise de credibilidade). Em 2011, entraram US\$ 25 bilhões procedentes das exportações agro-alimentares, cujo valor (em valores do mercado mundial) aumentou para US\$ 40,8 bilhões; esse mesmo ano escaparam do país US\$ 25 bilhões.

O superávit comercial acumulado ao longo da última década significa que o país conseguiu resolver a crise de seu setor externo, que foi a sua crise estrutural nos últimos 80 anos (e em especial desde 1950). “O problema econômico argentino não se deve a um excesso de indústrias, mas sim à escassez de exportações de toda a índole: rurais, minerais, manufaturas e inclusive serviços (...) e o resultado foi uma escassez persistente de divisas que geraram taxas muito baixas de formação de capital real e de incremento da produtividade”, afirmou Carlos F. Díaz Alejandro (*Ensaio sobre a história econômica argentina*, 1970, em tradução livre).

“ O superávit comercial acumulado ao longo da última década significa que o país conseguiu resolver a crise do seu setor externo, que foi a sua crise estrutural nos últimos 80 anos

A crise do setor externo –insuficiência de dólares por meio de exportações genuínas capazes de financiar um aumento na taxa de crescimento das importações durante as etapas de alto crescimento– foi até o ano 2001/2002 a raiz estrutural da crise argentina, que adquiriu toda a sua gravidade ao aliar-se com a crise política. Por isso a extrema volatilidade característica da economia argentina até a crise de 2001/2002. Isso é o que foi superado nos últimos dez anos.





# QUANDO A **GEOGRAFIA** NÃO É **tudo**



Carlos Malamud

Professor Titular de História da América da UNED

Em 2017, a participação relativa da China no PIB mundial será superior ao dos EUA, segundo previsões recentes do FMI. Os dados frios indicam que esse ano terá 18,6% contra 17,7% dos EUA, 7,1% da Índia e 5% do Japão. Um trabalho recente do BBVA segue a mesma linha e indica que nos próximos 10 anos a contribuição da Ásia emergente ao crescimento mundial será de 58% (A China somente 30%).

Com base em estudos semelhantes, fala-se do deslocamento dos centros de poder mundiais ao Ásia-pacífico, ou em um maior protagonismo asiático, especialmente chinês, aliado a uma nova ordem multipolar. Graças a esses movimentos, a América Latina, que chegou a taxas elevadas na última década, principalmente devido à demanda asiática, poderia ocupar um lugar central ou de destaque no cenário mundial.

Carlos Álvarez, secretário geral da ALADI, afirma que “a presença cada vez mais protagonista da China, a decadência dos EUA, a crise estrutural da Europa e a emergência do Sul como locomotora da economia mundial”, fizeram com que a América Latina não somente seja “o continente da esperança”, como também seja “uma realidade potente que pode aspirar a ser um dos personagens prin-

**“ Os últimos esforços na integração regional, com iniciativas como Unasur ou a CELAC, estão concentrados em questões políticas que dependem basicamente da capacidade de diálogo presidencial**

cipais na nova reconfiguração mundial em andamento”.

A América Latina está situada estrategicamente entre o Atlântico e o Pacífico. Se no século XIX e começo do XX foi beneficiada com o impulso das economias atlânticas, hoje acontece o mesmo com as asiáticas. No entanto, a geografia não é tudo, já que pode ser

tanto uma benção como o pior pesadelo. Por isso, se a América Latina quer ocupar um lugar central no mundo, deve ser por seu esforço e dedicação, já que com o voluntarismo não é suficiente. É bastante sintomático que o mesmo relatório do BBVA diga que a contribuição regional ao crescimento internacional, incluindo Brasil e México, será de somente 7,8%. Claro que é bastante, mas não é suficiente para desempenhar um papel chave no mundo de amanhã.

Há pouco tempo Roberto Russel definia a América Latina como um continente fragmentado. Não se trata unicamente da realidade política e das diferenças entre bolivarianos e não bolivarianos. A economia também responde a realidades muito diversas, como reflete o desempenho de grande parte dos países sul-americanos em comparação com os da América Central e México, ou inclusive com o Caribe. Portanto, é cada vez mais difícil falar sobre a América Latina, especialmente com fins prospectivos.



W

E

N

N

S

W

E

N

S

S

W

E

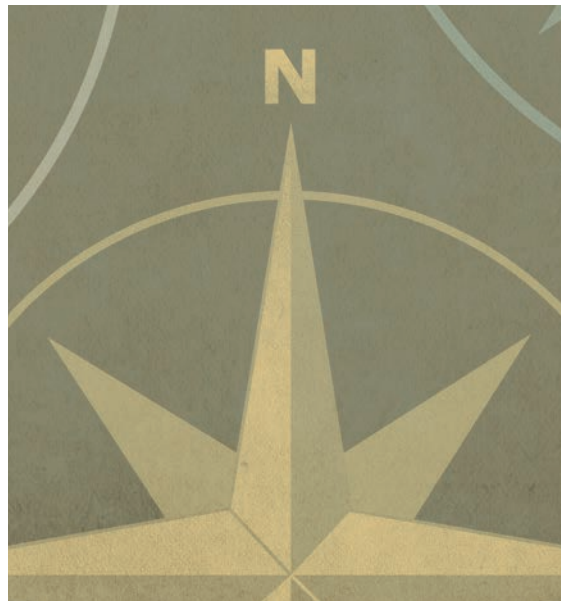
“ *A consolidação da emergência dos países asiáticos pode ser uma grande oportunidade para a América Latina* ”

Os últimos esforços na integração regional, com iniciativas como Unasur ou a CELAC, estão concentrados em questões políticas que dependem basicamente da capacidade de diálogo presidencial. Isso supõe pequenos progressos institucionais, em espacial na cessão de cotas de soberania a organismos supranacionais. Ao mesmo tempo, esse processo cumulativo, em uma espécie de permanente corrida ao futuro, não resolveu o quê fazer com as instâncias previamente existentes. O caso mais emblemático é a fusão da Unasul com o Mercosul e a Comunidade Andina (CAN).

A constituição da Aliança do Pacífico pelo Chile, Colômbia, México e Peru caminha em uma direção diferente. Em primeiro lugar porque transcende a discussão de se a integração deve atingir a América do Sul ou a América Latina, e em segundo lugar porque até então não inclui o Brasil. Seu propósito claro é aproveitar sua renda de localização e sua maior proximidade aos mercados asiáticos em uma difícil conjuntura internacional.

Mas, para isso, é necessário que os países envolvidos caminhem na mesma direção. Que resolvam em breve seus importantes déficits em infraestruturas, potencializem o investimento em I+D+i, melhorem a qualidade de suas universidades (os centro-asiáticos estão muito melhor posicionados que os latino-americanos nos rankings universitários internacionais) e concretizem as reformas necessárias para consolidar seu processo de crescimento, fugindo da chamada “armadilha da renda média”.

Sem tais reformas podem estar no limbo do crescimento moderado, mas sem dar os passos necessários para jogar na primeira divisão. México é um caso interessante, como mostra o estudo do Cen-



tennial Group: “A New Vision for Mexico 2042: Achieving Prosperity for All”.

A consolidação da emergência dos países asiáticos pode ser uma grande oportunidade para a América Latina. Mas as oportunidades ou são aproveitadas ou são perdidas, como a Argentina volta a mostrar. Para poder tirar proveito delas, deve ser realizado um intenso esforço, longe dos atalhos populistas. Simultaneamente, é preciso estar atentos a uma evolução diferente da economia chinesa, muito dependente dos seus complicados equilíbrios internos. Não convém colocar todos os ovos na mesma cesta, sabendo que a América Latina continua fazendo parte do Ocidente, uma grande vantagem que não vale à pena perder gratuitamente seduzidos pelo grande sonho oriental.



# PARTE DA **SOLUÇÃO** PARA OS *desafios mundiais*



António Ricardo Espírito Santo Bustorff

Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Brasileira

Os países da América Latina estão hoje melhor posicionados que no passado para realizarem o seu desenvolvimento potencial. A partir do início deste século, a maior parte dos países da região conseguiu reduzir a inflação para níveis controláveis, reduziu substancialmente os seus níveis de endividamento e instituiu regimes de taxas de câmbio mais flexíveis. A acumulação de poupança interna contribuiu para financiar o investimento crescente, enquanto os ganhos de produtividade constituíram um importante motor de crescimento dos sectores mais competitivos. Os choques externos que assolaram grande parte da região no passado, causaram fortes desvalorizações cambiais e regimes de inflação intoleráveis, deixando as classes sociais menos protegidas em situação de extrema dificuldade. A lição extraída destas crises pelas nações latino-americanas é a mais eloquente evidência da recém-adquirida resiliência destas economias, e a revelação de uma melhor performance relativa durante a atual crise financeira mundial quando comparada com os E.U.A, a Europa ocidental e o leste asiático.

Com países como o Brasil e o México emergindo como atores globais, a região transforma-se em parte da solução para os grandes desafios mundiais, da resposta à atual crise financeira, até à resolução dos mais prementes problemas relacio-

**“ O Brasil evidencia-se como o país líder, no progresso de toda a região, tendo promovido importantes reformas nos sistemas político e financeiro que lhe permitem, hoje, encarar as vicissitudes da crise com alguma placidez**

nados com alterações climáticas no planeta. Esta região, tipificada como de rendimento médio, conseguiu retirar 60 milhões de indivíduos da pobreza absoluta entre 2002 e 2008, uma tendência agora ameaçada pelos efeitos da crise global.

Não existe um modelo ou referência que possa definir uma tendência-padrão para toda a região. Dentro da sua diversidade, cada nação percorre o seu próprio caminho, buscando o bem-estar económico e social. O que se torna hoje, bastante evidente, é que os povos da América Latina ambicionam um futuro que ofereça oportunidades a todos os seus concidadãos, ao invés de beneficiar algumas minorias.

Para que este sonho se transforme numa realidade, a região necessitará de modernizar as suas infraestruturas, melhorar a qualidade do seu sistema educativo, realçar o ambiente de negócios e colocar os Estados ao serviço das populações, prestando os serviços mais elementares a todos os cidadãos.

## BRASIL A LIDERAR O PROGRESSO

O Brasil evidencia-se neste contexto como o país líder, no progresso de toda a região. Com um território de dimensão continental, uma quantidade e diversidade de recursos naturais e matérias-primas que lhe atribuem a auto suficiência energética e o auto abastecimento alimentar, o país promoveu importantes reformas nos sistemas político e financeiro que lhe permitem, hoje, encarar as vicissitudes da crise com alguma placidez.

Lançado em 2007, o Programa de Aceleração do Crescimento - PAC, veio aumentar e disciplinar o investimento público, focando os seus objetivos no estímulo ao crescimento do PIB e do emprego, intensificando a inclusão social e a melhoria na distribuição de renda. Concluído em 2010, este plano trouxe ainda importantes medidas de desoneração fiscal em regiões mais carenciadas e gerou 9 milhões de novos empregos. A segunda fase deste programa, iniciada em 2011, mantém os objetivos principais, atribuindo uma maior atenção à criação e modernização de infraestruturas, o que deverá garantir, em associação com o natural crescimento do consumo, uma forte dinâmica na procura interna para os próximos anos.

Durante a última década, o Brasil alterou substancialmente o perfil do seu comércio externo, com a abertura de novos e importantes mercados como o asiático e o africano, em detrimento dos seus tradicionais parceiros europeus e norte americanos. Com a introdução da lei de responsabilidade fiscal, no final da década de 1990, algo que teria sido muito útil a alguns estados norte americanos e europeus, o país conseguiu reduzir substancialmente o seu nível de endividamento público mantendo níveis confortáveis –atualmente de 30% do PIB–, acumulando importantes reservas cambiais e estabelecendo-se hoje como o segundo maior financiador mundial do FMI, após os EUA. O sistema financeiro brasileiro é extremamente robusto, situando-se na casa dos 16% o *core tier 1* médio dos principais bancos nacionais.

“ *O panorama geral para a evolução e fortalecimento de uma nova e importante centralidade na América Latina, revela-se muito auspicioso. Esta realidade não poderá deixar de ser aproveitada pelas nações ibéricas, as quais têm uma condição privilegiada para o fazer*

O panorama geral para a evolução e fortalecimento de uma nova e importante centralidade na América Latina, revela-se muito auspicioso. Esta realidade não poderá deixar de ser aproveitada pelas nações ibéricas, as quais têm uma condição privilegiada para o fazer. O eixo ibero-americano constitui-se no principal tentáculo de ligação desta nova realidade ao continente europeu e é por isso que Espanha e Portugal deverão de forma articulada assumir maior protagonismo em fóruns internacionais, como as cimeiras EU-Mercosul, defendendo a quebra de barreiras inúteis que protegem interesses que só a outros eixos beneficiam...



# CONHECER **A AMÉRICA LATINA**

## É **estar um passo** *A frente*



Consuelo Álvarez de Toledo

Diretora da Infolatam

A tendência está suficientemente definida: mais democracia, mais instituições, mais progresso, mais integração. A América Latina desponta como uma exceção em um mundo marcado pelo pessimismo da crise da velha Europa, estagnada, lenta, sem pulsação e sem impulso. O eixo do poder internacional que vem deslizando-se há anos em direção ao mundo asiático coloca, não só geograficamente, os países latino-americanos no ponto médio entre um europeísmo decadente e os emergentes, e muito peculiares, regimes asiáticos, cujo valor agregado é fundamentalmente economicista.

A Ibero-América abraça a Terra através dos dois oceanos sem perder sua identidade ocidental e atlântica enquanto hoje mantém o olhar focado no outro lado do Pacífico. A América Latina é o alvo das economias esgotadas como contrapeso esperando para sair da crise nascida já há oito anos nos Estados Unidos e à qual os países latino-americanos mal podem resistir (ainda). Conhecer a América Latina é estar um passo a frente. O que está acontecendo agora na América Latina? Ou melhor, o que vai acontecer a partir de agora nas Américas?

Há seis anos na Infolatam viemos analisando e informando sobre os acontecimentos mais relevantes, políticos, econômicos e sociais da Região.

“ *A América Latina desponta como uma exceção em um mundo marcado pelo pessimismo da crise da velha Europa, estagnada, lenta, sem pulsação e sem impulso*

Seis anos proporcionaram já uma perspectiva suficiente para esboçar algumas ideias sobre essa realidade plural e heterogênea; às vezes contraditória, felizmente poucas vezes surpreendente.

Durante esse período, ocorreram fatos que, considerados em si mesmos, poderiam ser pouco relevantes, mas que em seu conjunto apontam claramente na direção que antes estava avançando. Os analistas concordam que avaliar os processos eleitorais consolidou sistemas democráticos de partidos, as tentações presidencialistas encontraram seus contrapesos, que as economias se estabilizaram, que o desenvolvimento favorece a integração social. Tudo isso com muitas e justificadas ressalvas sobre a sobrevivência das desigualdades e da injustiça social, do grave problema da falta de segurança e a violência. Com o agravante da falta de liberdade no caso de Cuba.

Todas essas circunstâncias fizeram da América Latina uma terra de oportunidades. Daí surge a importância de ter as ferramentas para o conhecimento preciso do conjunto regional e, ao mesmo tempo, do seguimento do que acontece com todos os países, sejam maiores ou menores, com vocação de liderança ou mais dependentes do porvir dos outros; dirigidos por governos conservadores, de esquerdas, bolivarianos ou simplesmente ditatoriais.





“ *Meios de Comunicação, Fóruns, think-tanks, Cúpulas institucionais, etc. requerem tempo, dinheiro e esforços para analisar o presente, mas não conseguem revelar como vai ser o futuro regional* ”

Os especialistas latino-americanistas opinam permanentemente que é um grave erro aproximar-se à realidade da América Latina como se fosse totalmente homogênea. E claro que é assim. Cada país, e às vezes dentro de um mesmo país, há uma história diferenciada e uma realidade presente; há um futuro efetivamente plural, mas ao mesmo tempo condicionado pelo desenvolvimento regional, que eu diria mais econômico que político.

Os governos da América latina enfrentam a crise europeia conscientes de que, mais cedo ou mais tarde, começarão a ser evidentes seus efeitos na Região. De qualquer forma, existe um consenso generalizado de que a América Latina tem a suficiente força e está o bastante preparada para superar a crise, inclusive melhor que em 2009. A América Latina aposta dessa forma para estimular medidas anticíclicas caso seja agravada uma crise europeia que começa a refletir no outro lado do Atlântico.

Para conhecer bem a América Latina, a tarefa dos Meios de Comunicação é primordial. O jornalismo latino-americano, com meios tradicionais –jornais impressos agora transformados em multimídia– de muito alto prestígio e qualidade, e os surgidos sob o amparo das novas tecnologias da comunicação, podem chegar a ser alvo das iras dos regimes com menos escrúpulos democráticos. Desde a época da Independência, os principais jornais vincularam sua existência aos ideais da revolução contra o despotismo da metrópole. E ainda continuam um pouco assim. Não é por acaso que na América Latina de hoje os ataques



à liberdade de informação venham dos regimes chamados bolivarianos.

Seja por meio da intervenção nas concessões, ou nas indústrias do papel, ou diretamente prendendo profissionais, há quem pretenda que a história do futuro latino-americano seja escrito segundo suas ordens, sobre suas próprias linhas. Pretender controlar este fluxo comunicacional é como colocar portas no campo.

Meios de Comunicação, Fóruns, think-tanks, Cúpulas institucionais, etc. requerem tempo, dinheiro e esforços para analisar o presente, mas não conseguem revelar como vai ser o futuro regional além das advertências sobre o risco que abrange a dependência das matérias-primas e do consumo da China, do aquecimento de algumas economias ou de insuficientes níveis de bancarização.



# AMÉRICA LATINA,

## A NOVA *centralidade*\*



José Antonio Llorente

Sócio Fundador e Presidente da LLORENTE & CUENCA

Uma boa parte da resposta que explicaria a emergência da América Latina como uma área do planeta que foi se transformando em um mercado de expansão e desenvolvimento das economias mais evoluídas teria mais a ver com a geopolítica do que com uma análise estritamente financeira. Por um lado, a ascensão da China como nova potência mundial, que apresenta registros espetaculares no crescimento do seu PIB posicionou o continente americano em uma faixa estratégica, entre o Pacífico e o Atlântico. Por outro, a presidência Barack Obama nos Estados Unidos marcou um ponto de inflexão no modelo de prioridades norte-americanas. Obama foi, e está sendo, o menos “atlantista” dos inquilinos da Casa Branca desde o final da II Guerra Mundial. A combinação de ambas as circunstâncias históricas posicionou a Europa em certa margem periférica.

Mas a centralidade do espaço latino-americano não se explica somente nem principalmente por fatores exógenos, mas também pelos endógenos: o dinamismo das principais sociedades latino-americanas e as profundas transformações socioeconômicas e políticas de determinados países-líderes na Região. O grupo –bem diferente entre si, mas com um enorme efeito estabilizador– que é composto pelo Brasil,

“ *A ascensão da China como nova potência mundial posicionou o continente americano em uma faixa estratégica, entre o Pacífico e o Atlântico*

Chile e México é um elemento decisivo da análise do caráter central da América do Sul, ao qual deve ser acrescentada a seriedade e profundidade do processo de reinstitucionalização e pacificação interna da Colômbia. A exuberância do Panamá, o constante assentamento do Peru e a solvência de países pequenos, mas seguros,

como a Costa Rica e a República Dominicana, compõem um quadro de situação realmente gratificante. De fato, outras nações latino-americanas provocaram desajustes em uma descrição homogênea da América Latina –a Venezuela e a incógnita do chavismo; Cuba e seu futuro depois de Fidel Castro; a Argentina e sua peculiar gestão governamental e social; a Bolívia e o indigenismo–, mas uma visão de conjunto projeta uma imagem com muito mais luzes que sombras.

Na América Latina, cujas nações se sentem plenamente donas do seu futuro, recusam tratamentos paternalistas, desafiam aspirações de tutela externa e brigam por um estatuto internacional que reconheça suas capacidades presentes e suas potencialidades, seja dirimida uma essencial batalha pela liderança regional. Tal liderança tão desejada pelo Brasil, que deve disputá-la com o México, mas pela qual também os Estados Uni-

\* Artículo publicado en El País Negocios el 15 de julio de 2012.

dos pensa em competir depois de sua desalentada retirada há duas décadas. Para a América do Norte, o Cone Sul americano já não é o pátio dos fundos, que exigiria somente vigilância e controle. A profunda entrada hispânica nos Estados Unidos –quase cinquenta milhões de falantes de espanhol, que origina uma mistura de cultura e impacto político– e a abertura de alguns mercados demandantes, agora não somente de mercadorias, mas também de produtos sofisticados (tecnologia) com grande valor agregado, parece estar movimentando as convenções e tópicos que mantiveram preso no passado recente a política exterior da Casa Branca com relação aos seus vizinhos do sul, muito versátil, nesse caso com mais razão, em suas relações com a República Chinesa, que exige deles de forma progressiva uma ampla gama de matérias-primas.

Nesse contexto promissor –com certeza passível de riscos, como podemos comprovar recentemente na Argentina e na Bolívia e, antes, na Venezuela– a Espanha exerce um papel específico e decisivo. Específico, porque a vinculação com os países latino-americanos contribui com uma solidez histórica reforçada pela comunidade idiomática –no caso do Brasil, o espanhol e o português convivem com facilidade e com empréstimos recíprocos– e a afinidade cultural e de hábitos. E decisivo, porque tanto devido ao que foi dito anteriormente como pelo entendimento entre aquelas sociedades e esta, fazem dos países latino-americanos um espaço natural da internacionalização das nossas empresas e constituem os mercados nos quais a Espanha poderia relançar setores produtivos importantes incentivando as exportações.

A presença espanhola na América Latina não é um ideal, mas sim uma realidade pujante. O sistema bancário espanhol calculara seu negócio nessa região em mais de 600 bilhões de euros. As duas grandes entidades –Santander e BBVA– obtêm entre 50% e 68% do seu lucro, especialmente nos mercados financeiros do Brasil e do México. A banca-

“ *As nações latino-americanas lutam por um estatuto internacional que reconheça suas capacidades presentes e suas potencialidades futuras* ”

rização da América Latina constitui uma expectativa verdadeiramente promissora para o sistema financeiro espanhol, afiançado agora –fora do razoável– pelos ratings que disciplinam com dureza o risco-país do Reino da Espanha. Em uma data tão próxima como 2015, os países latino-americanos formaram o mercado preferencial de setores espanhóis muito qualificados: não somente o sistema bancário. Além do setor energético (Repsol, Iberdrola, REE, GN-Fenosa), o construtor (ACS, FCC, Acciona) e o gestor de infraestruturas (Ferrovia, OHL, Abertis), entre outros. Por não mencionar –por ser óbvia– a fundamental presença da Telefónica em todo o espaço da Região. O conjunto das empresas do Ibex obtém mais de 22% de suas vendas nos



mercados latino-americanos e a tendência, longe de estagnar-se, é crescente. As incertezas são instigadas, naturalmente, mas parecem ser muito mais as certezas que as dúvidas.

A consolidação da centralidade econômico-empresarial latino-americana, demanda, no entanto, alguns desenvolvimentos qualitativos, tanto de ordem política como jurídica. A Espanha —e não somente a Espanha— deve livrar-se de qualquer tentação hegemônica. Nem sequer estamos em condições de sermos considerados um país que seja *primus inter pares* com relação a qualquer um dos latino-americanos. A Espanha tem um caráter referencial na questão cultural e histórica e sua inserção europeia gerou uma servidão e uma oportunidade ao mesmo tempo: estabelecer-se como porta de entrada ao mercado da União Europeia, mas sempre e quando nossa política externa seja capaz de marcar as bases fundamentais da relação da UE com a América Latina. Será todo um desafio que para o qual serão sempre úteis as Cúpulas Ibero-americanas, com a condição de que as retóricas sejam eliminadas e mergulhem em políticas coordenadas, acordos sólidos e captem novos espaços para oportunidades de parcerias. Dentro desse contexto de uma visão renovada do conjunto ibero-americano deve ser realizado no próximo mês de novembro a Cúpula de Cádiz.

**“ *A Espanha e os países dessa América Latina registram um déficit extraordinário de comunicação recíproca, entendida como um instrumento de gestão do conhecimento de suas respectivas realidades* ”**

Na ordem jurídica, a matéria pendente de algumas nações latino-americanas consiste na garantia de que seus mercados funcionem sob o império da previsibilidade que implica a segurança jurídica. O investimento demanda certezas e garantias que vinculem igualmente aos Governos e às empresas. Ou seja, a conformação de algumas regras de jogo que prescrevam a arbitrariedade e não quebrem o esquema exigido pelos projetos industriais e as apostas financeiras, que consiste na tranquilidade de que em médio e longo prazo não será alterado por arbitrariedades, inconstâncias ou debilidades dos sistemas jurídico-políticos destes países. Se as nações latino-americanas caminham determinadas em direção à conquista desse objetivo —que define as democracias solventes— o progresso imediato será gigante.

A Espanha e os países dessa América Latina central registram —quem diria— um déficit extraordinário de comunicação recíproca, entendida como um instrumento de gestão do conhecimento de suas respectivas realidades. O trabalho prévio à entrada em mercados alternativos —mais ainda quando acham que os conhecem inercialmente— consiste de forma imprescindível em aplicar inteligência empresarial por meio da compreensão da dinâmica interna dos países de destino. A comunicação, por um lado, é a implementação de políticas de retornos sociais tangíveis nesses países ainda com bolsões de pobreza e subdesenvolvimento importantes são os dois fatores chave do sucesso. Se for feito dessa forma, um dos espaços do planeta mais fértil para o desenvolvimento e a internacionalização da nossa economia é, sem dúvida, o conjunto de países latino-americanos que com o novo século —por méritos próprios e por transformações geográficas— se posicionaram na grande faixa central (entre a Ásia e a Europa) para a economia do século XXI.

# LLORENTE & CUENCA



LLORENTE & CUENCA é a **primeira Consultoria de Comunicação na Espanha, Portugal e na América Latina**. É formada por uma equipe de **300 profissionais** com ampla experiência na utilização de estratégias de comunicação como ferramentas para potencializar os **resultados de negócio** das organizações.

A firma está presente com **escritórios próprios** na Espanha –Madrid e Barcelona–, Argentina, Brasil –Rio de Janeiro e São Paulo–, Colômbia, China, México, Panamá, Peru, Portugal e na República Dominicana. Presta seus serviços por meio das companhias **afiliadas** nos Estados Unidos –EDF Communications–, Chile –Extend Comunicaciones–, Bolívia –Trigo Consultores–, Uruguai –Interacciona– e Venezuela –Grupo Open Mind–.

Também presta serviços de **consultoria estratégica** a empresas de todos os setores de atividade e, especialmente, àquelas operações dirigidas ao mundo de língua **espanhola e portuguesa**.

LLORENTE & CUENCA é membro da AMO, a **Rede Global líder de Comunicação Financeira** com presença nos principais mercados de capitais. Desde 2005, vem assessorando a mais de 1.550 operações em todo o mundo, avaliadas em 1,7 bilhões de dólares, o que posiciona a AMO ano após ano no topo do ranking global de assessores de M&A desenvolvido pela **Mergermarket**.

São também sócios estratégicos: **The Abernathy MacGregor Group** nos Estados Unidos; **Maitland** no Reino Unido; **Hering Schuppener Consulting** na Alemanha; **Havas Worldwide Paris** na França; **Hirzel.Neef.Schmid.Counselors** na Suíça; **SPJ** na Holanda; **Porda Havas** na China; **Ad Hoc** na Itália; e **Springtime** na Suécia.

[www.amo-global.com](http://www.amo-global.com)



---

## DIREÇÃO CORPORATIVA

JOSÉ ANTONIO LLORENTE  
Sócio Fundador e Presidente  
jlloriente@llorenteycuenca.com

ENRIQUE GONZÁLEZ  
Sócio e CFO  
egonzalez@llorenteycuenca.com

JORGE CACHINERO  
Diretor Corporativo de Inovação e  
Reputação  
jcachinero@llorenteycuenca.com

Hermanos Bécquer, 4  
28006 Madrid (Espanha)  
Telefone: +34 91 563 77 22

---

## IBERIA

ARTURO PINEDO  
Sócio e Diretor Geral  
apinedo@llorenteycuenca.com

ADOLFO CORUJO  
Sócio e Diretor Geral  
acorujo@llorenteycuenca.com

### Madrid

JOAN NAVARRO  
Sócio e Vice-presidente Assuntos Públicos  
jnavarro@llorenteycuenca.com

AMALIO MORATALLA  
Sócio e Diretor Sênior  
amoratalla@llorenteycuenca.com

JUAN CASTILLERO  
Diretor Financeiro  
jcastillero@llorenteycuenca.com

Hermanos Bécquer, 4  
28006 Madrid (Espanha)  
Telefone: +34 91 563 77 22

### Barcelona

MARÍA CURA  
Sócia e Diretora Geral  
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª  
08021 Barcelona (Espanha)  
Telefone: +34 93 217 22 17

### Lisboa

MADALENA MARTINS  
Sócia Fundadora  
madalena.martins@imago.pt

CARLOS MATOS  
Sócio Fundador  
carlos.matos@imago.pt

Rua do Fetal, 18  
2714-504 S. Pedro de Sintra (Portugal)  
Telefone: +351 21 923 97 00

## AMÉRICA LATINA

ALEJANDRO ROMERO  
Sócio e CEO América Latina  
aromero@llorenteycuenca.com

JOSÉ LUIS DI GIROLAMO  
Sócio e CFO América Latina  
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

ANTONIO LOIS  
Diretor Regional de Recursos Humanos  
alois@llorenteycuenca.com

### Bogotá

GERMÁN JARAMILLO  
Presidente Executivo  
gjaramillo@llorenteycuenca.com  
Carrera 14 # 94-44. Torre B - of. 501  
Bogotá (Colômbia)  
Telefone: +57 1 7438000

### Buenos Aires

PABLO ABIAD  
Diretor Geral  
pabiad@llorenteycuenca.com

ENRIQUE MORAD  
Presidente Conselheiro para o Cone Sul  
emorad@llorenteycuenca.com

Avenida Corrientes 222, piso 8. C1043AAP  
Cidade Autônoma de Buenos Aires  
(Argentina)  
Telefone: +54 11 5556 0700

### Lima

LUISA GARCÍA  
Sócia e CEO Região Andina  
lgarcia@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes, 420, piso 7  
San Isidro. Lima (Peru)  
Telefone: +51 1 2229491

### México

ALEJANDRO ROMERO  
Sócio e CEO América Latina  
aromero@llorenteycuenca.com

JUAN RIVERA  
Sócio e Diretor Geral  
jrivera@llorenteycuenca.com

Bosque de Radiatas # 22 – PH7  
05120 Bosques las Lomas (México)  
Telefone: +52 55 52571084

## Panamá

JAVIER ROSADO  
Sócio e Diretor Geral  
jrosado@llorenteycuenca.com

Av. Samuel Lewis. Edifício Omega,  
piso 6. (Panamá)  
Telefone: +507 263 9899

## Quito

CATHERINE BUELVAS  
Diretora Geral  
cbuevas@llorenteycuenca.com

GONZALO PONCE  
Presidente Conselheiro  
gponce@llorenteycuenca.com  
Av. 12 de Octubre 1830  
e Cordero. Edifício World  
Trade Center, Torre B, piso 11.  
Distrito Metropolitano de Quito (Equador)  
Telefone: +593 2 2565820

## Rio de Janeiro

JUAN CARLOS GOZZER  
Diretor Executivo  
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 – sala 1801  
Rio de Janeiro – RJ (Brasil)  
Telefone: +55 21 3797 6400

## São Paulo

JOSÉ ANTONIO LLORENTE  
Sócio Fundador e Presidente  
jlloriente@llorenteycuenca.com

Alameda Santos, 200 – sala 210  
Cerqueira Cesar. SP 01418-000  
São Paulo (Brasil)  
Telefone: +55 11 3587 1230

## Santo Domingo

ALEJANDRA PELLERANO  
Diretora Geral  
apellerano@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln.  
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7  
Santo Domingo (República Dominicana)  
Telefone: +1 809 6161975

---

## ASIA

### Beijing

SERGI TORRENTS  
storrents@grupo-11.com

2009 Tower A, Ocean Express  
N2 Dong san Huan Bei Road,  
Chaoyang District  
Beijing (China)  
Telefone: +86 (10) 5286 0338

[WWW.DMASILLORENTEYCUENCA.COM](http://WWW.DMASILLORENTEYCUENCA.COM)

